BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XVIII • FEVEREIRO DE 1943 • N.º 192

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café)

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Largo da Misericórdia, 24

Ano XVIII	FEVEREIRO DE 1943	Número 192

Sumário

Colaboração

Intercâmbio Brasil-Canadá

J. C. Mello

Dentre as numerosas mutações que a guerra trouxe às nossas relações comerciais, e que teem sido já muitas vezes comentadas, o extraordinário aumento do nosso intercâmbio com o Canadá é, por certo, uma das mais interessantes e promissoras.

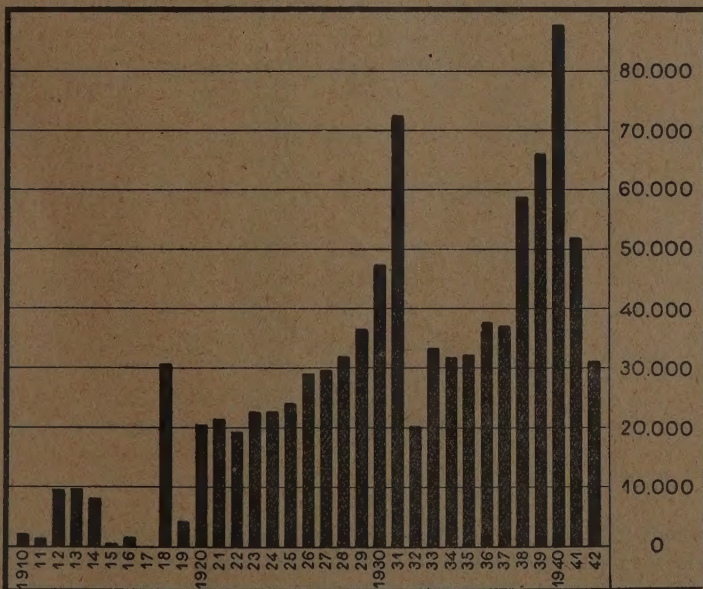
Antes do atual conflito não era dos maiores o nosso comércio com esse vasto Domínio britânico, não obstante o fato de estar ele situado em nosso continente, a uma distância que, embora ponderavel ,era menor do que a que nos separava de outros clientes com melhor intercâmbio. E tudo isso a despeito de que várias das nossas e das suas mercadorias de exportação eram complementares, e, pois, necessárias a cada um dos respetivos paises.

Essa situação de relativa fraqueza nas relações comerciais entre os dois paises se devia a causas várias e, dentre elas, duas principais : quanto às nossas importações intervinha a maior proximidade dos Estados Unidos, país de economia exportadora muito similhante à do Canadá e mais próximo do nosso mercado, além do fato de que os navios que transportavam o café e outros produtos para os portos *yankees* podiam vantajosamente obter praça de retorno, com os produtos norte-americanos ; relativamente às nossas exportações, constituidas principalmente de café e algodão, havia, para o primeiro,a interferência dos acordos de Ottava, que fazia com que o Canadá desse preferência, nas suas compras, ao café das colônias britânicas e, para o segundo, a proximidade dos Estados Unidos, com os seus excessos de algodão exportavel.

Assim, com esses fatores adversos, era natural, ou, pelos menos, explicavel, que não fossem das maiores as nossas relações comerciais com o Canadá. A eclosão da guerra, entretanto, fez com que tudo isso mudasse. Vários dos nossos produtos passaram a ser cada vez mais necessários àquele país o qual, por sua vez, teve dificuldades cada vez maiores em obtê-los nos mercados mundiais. O algodão, principalmente, deu um enorme salto, passando, nos últimos anos, de Cr. $.... 1.600.000,00 em 1939 a Cr. $ 200.000.000,00 em 1941. Explica-se o fato pela dificuldade em obter algodão egípcio, chinês ou de outras procedências, e pela necessidade que, de um momento para outro, passaram a ter desse artigo os Estados Unidos, o que fez com que eles não mais dispuzessem de excessos, como vinha acontecendo por vários anos.

Assim aconteceu com diversos outros artigos : óleos, minérios variados, matérias primas em geral, vários artigos alimentícios e mesmo alguns produtos ma-

nufaturados, entre os quais aparecem os dois que mais se teem sobressaido ultimamente : os tecidos de algodão e as drogas, medicamentos e produtos químicos. Alguns seguiram em pequena escala, mais como amostra, e pela primeira vez em 1941 ou 42. Muitos deles não conseguirão, possivelmente, crescer como seria desejavel, mas em compensação vários daqueles cuja saida é hoje ainda insignificante terão seguramente um notavel incremento, e talvez não só durante os tempos atuais porêm mesmo depois de acabado o presente conflito.

O quadro que publicamos a seguir, detalha a posição de cada um dos nossos artigos de exportação para o Canadá, nos anos de 1939, 40 e 41. Nesse último ano o algodão em rama ocupou uma parte correspondente a 88% do total das nossas exportações. Se se acrescentar a essa porcentagem a representada pelos outros sub-produtos do algodão (óleo em bruto, óleo comestivel, linters, resíduos

e desperdícios de algodão, tapetes, passadeiras e tecidos), teremos cerca de 92%. Dos 8% restantes, o café ocupou 3% e todos os outros produtos, dos quais os mais dignos de nota são cerca de 23, apenas tomaram 5%. É pouco, ainda, como montante, pois 5% numa exportação de Cr. $ 231.000.000,00 são apenas Cr. $. . . . 11.550.000,00. Porém é muito como possibilidade, bastando apenas que as nossas organizações exportadoras tenham o devido cuidado com todos os detalhes do assunto, tanto no período atual como e principalmente no post-bélico.

Relativamente ao café, que tem ocorrido nas nossas exportações para esse Domínio britânico? Infelizmente, um pequeno retrocesso. Depois de termos atingido ao máximo de todos os tempos em 1940, com um total de 87.880 sacas de café exportadas para o Canadá, passamos em 1941 a 52.002 sacas e em 1942 a 31.275, ou seja um total que sómente vamos encontrar menor em 1927, — quinze anos atrás.

O consumo canadense *per capita* não era grande ha alguns anos, sendo apenas de cerca de 2 quilos por habitante, ao ano. E, nesse consumo, os cafés do Império entravam com uma porcentagem que foi orçada em 66% no ano agrícola 1937/38.

Devemos presumir que, com a guerra, não foram apenas os nossos cafés que caíram em suas exportações para o Canadá, mas tambem os de outras procedências. Infelizmente não temos à mão dados estatísticos com que comprovar as nossas afirmações. O que é fato é que a guerra, impondo suas restrições de transporte a todos os artigos que não sejam de interesse absolutamente vital, pesou com sua mão de ferro sobre o café. Ela própria, entretanto, com a sua fome de matérias primas estratégicas e alimentícias, fez com que vários outros de nossos produtos procurassem as rotas canadenses. Se o café perdeu, o país, em compensação, lucrou. Veremos, com o correr dos tempos, se ambos podem lucrar, o que não parece impossivel.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL PARA O CANADÁ — ANO DE 1942

MESES	SACAS
Janeiro	250
Fevereiro	—
Março	—
Abril	250
Maio	25
Junho	—
Julho	6.750
Agosto	13.850
Setembro	9.650
Outubro	500
Novembro	—
Dezembro	—
Total	31.275

Cifras do D.N.C.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL PARA O CANADÁ

Sacas de 60 quilos

ANOS	SACAS	ANOS	SACAS
1910	2.050	1926	29.178
1911	1.286	1927	29.700
1912	9.550	1928	32.030
1913	9.750	1929	36.702
1914	8.150	1930	47.407
1915	550	1931	72.550
1916	1.500	1932	20.230
1917	—	1933	33.356
1918	30.671	1934	31.872
1919	4.300	1935	32.175
1920	20.725	1936	37.829
1921	21.460	1937	37.146
1922	19.410	1938	58.795
1923	22.680	1939	66.208
1924	22.700	1940	87.880
1925	24.158	1941	52.002
		1942	31.275

NOTA : — 1910 a 1940 — Cifras da Diretoria de Estatística Econômica e Financeira do Tesouro Nacional-Ministério da Fazenda — 1941 Cifras do Instituto de Café — 1942 Cifras do D.N.C.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL PARA O CANADÁ

PRODUTOS	1941		1940		1939	
	QUILOS	MIL-RÉIS	QUILOS	MIL-RÉIS	QUILOS	MIL-RÉIS
Algodão em rama	61.624.740	204.809.570	22.694.274	70.006.640	485.020	1.687.341
Café em grão (sacas)	52.002	8.528.764	87.880	12.153.910	66.208	10.159.736
Óleo de caroço de algodão	4.356.634	7.595.493	7.856.288	11.452.503	—	—
Minério de ferro (tonel.)	64.644.000	3.867.141	79.263	4.335.731	21.793	904.661
Óleo de caroço de algodão comestivel	675.231	2.453.463	224.351	450.359	—	—
Cristal de rocha	4.995	765.657	—	—	—	—
Óleo de mamona	204.325	550.698	1.000	3.654	—	—
Laranjas (caixas)	24.672	493.440	9.500	190.000	47.959	1.055.098
Linters de algodão	262.025	448.137	411.408	645.267	53.037	172.575
Cera de carnauba	15.040	433.653	—	—	44.815	468.506
Desperdícios de algodão	78.370	238.502	—	—	—	—
Carne de boi em conserva, não especificada	55.220	189.563	643.756	2.715.264	698.037	2.174.930
Cera de ouricuri	12.690	159.952	5.080	48.918	2.032	14.092
Grape fruits (caixas)	15.000	150.000	—	—	9.192	183.840
Glicerina	11.040	135.180	—	—	—	—
Baunilha	1.200	126.838	—	—	—	—
Castanha do Pará sem casca	27.000	120.534	149.850	706.112	227.850	1.190.487
Drogas e medicamentos não especificados	910	67.376	127	13.315	—	—
Limões (caixas)	5.000	50.000	600	9.600	40	680
Resíduos de algodão	22.187	49.552	—	—	—	—
Couro não especificado	1.034	15.377	—	—	—	—
Matérias primas sintéticas e preparações não class. p/ as indústrias	4.813	11.598	—	—	—	—
Tecidos de algodão	731	8.151	—	—	—	—
Produtos químicos não especificacados	1.080	7.664	—	—	—	—
Peles e couros	109	5.344	70	5.969	—	—
Piassava	1.000	3.739	—	—	—	—
Couro curtido ou sola	168	2.168	605	5.253	—	—
Amostras	160	1.243	—	—	—	—
Tapetes e passadeiras de algodão	58	928	—	—	—	—
Charutos (unidades)	510	923	—	—	—	—
Óleo de copaiba	72	721	1.000	6.731	—	—
Favas de cumarú	50	704	—	—	—	—
TOTAL (inclusive outros)	136.700.551	231.292.073	119.235.000	105.248.059	29.925.000	18.971.474

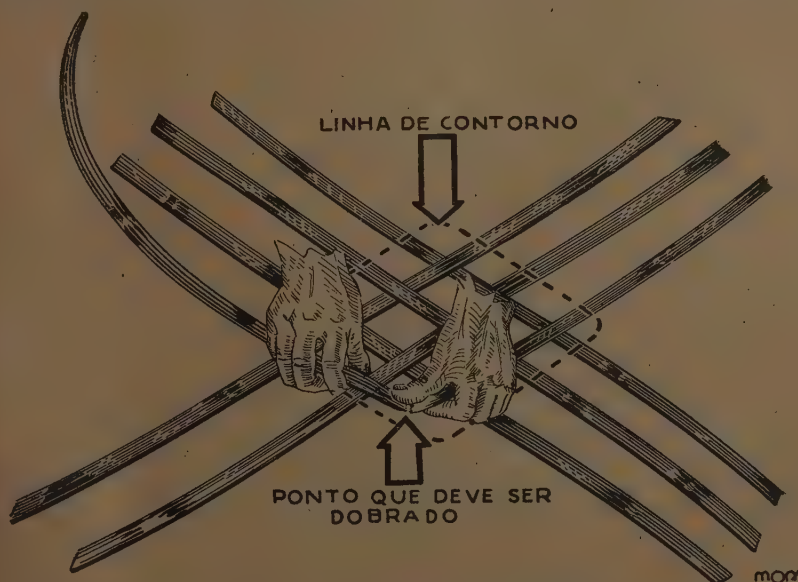
Do "Boletim do Conselho Federal de Comércio Exterior" de 21-9-42

JACASINHOS DE BAMBU'

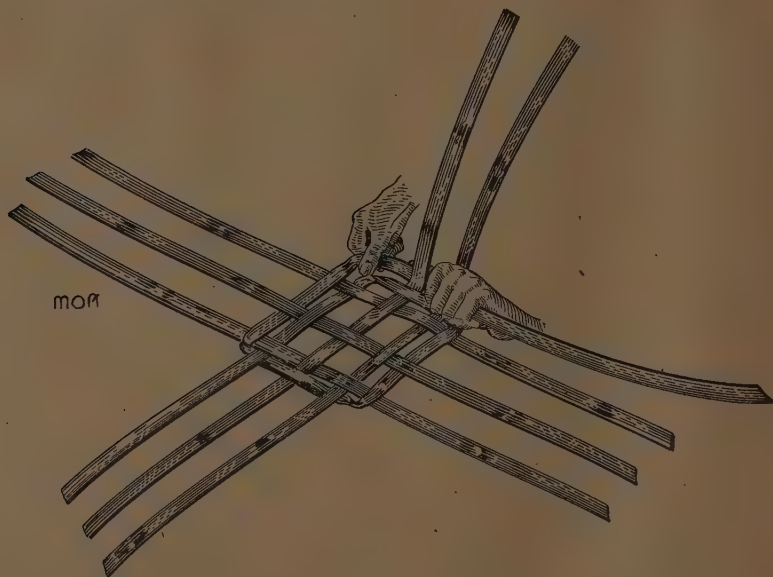
José Estevam Teixeira Mendes

Um dos serviços mais descurados em quasi todas as nossas fazendas de café é o do *replantio*. O cafezal é formado quasi sempre em terra de derrubada recente, semeando-se diretamente na cova. Alguns anos mais tarde começam a aparecer as falhas.

Já então o plantio de semente em local definitivo se torna mais dificil. A terra já não contem a quantidade de matéria orgânica que possuia inicialmente, e, porisso, si se fizerem covas no local das antigas, e si se tentar formar aí novas plantas, por meio de semeadura direta, na maioria dos casos, os resultados serão maus. A porcentagem de germinação será diminuta, principalmente porque, com as chuvas, a terra é arrastada para dentro das covas, formando uma camada muito grossa e endurecida que a mudinha dificilmente consegue romper.

Daí a necessidade de se manter, nas lavouras em pleno desenvolvimento, todos os anos, um viveiro bem feito. O modo de se fazer a replanta já foi por nós descrito. (1) Em anos normais o número de plantas a serem substituidas, em fazendas bem organizadas, não deverá ser muito grande. No entanto, em situações como a do ano passado, 1942, quando a geada destruiu grande número de cafeeiros é que a existência de viveiros e de organização para a replanta prestam os mais assinalados serviços. O modo de se fazer e de se trabalhar em um viveiro de café tambem já foi por nós descrito. (2)

Hoje queremos nos ocupar da fabricação de jacasinhos na fazenda de café. Conquanto seja ainda ponto discutido qual a melhor forma de replanta, si a que

é feita de jacasinho ou a de *muda-aparada*, assunto esse sujeito à experimentação em nossas estações experimentais, o fato é que, apezar de não se saber ainda qual dos dois métodos produzirá plantas mais longevas, a muda de jacasinho, quando bem preparada, presta grande serviço e tem larga aplicação na maioria das nossas fazendas.

O que tem diminuido o seu emprego é o fato de ser o *jacasinho* produzido fóra da fazenda e ser porisso sobrecarregado por um preço de custo elevado e outro de transporte tambem não desprezivel.

Si a fabricação estiver dentro da fazenda, menor poderá ser o preço unitário, desaparecerá o de transporte, e melhor do que tudo isso, poderão os jacasinhos ser de tamanho adequado. Em geral, para diminuir as despezas, o fazendeiro compra jacasinhos muito pequenos, o que virá, naturalmente, afetar o desenvolvimento da muda. As dimensões por nós adotadas, em geral, para mudas que devam ser passadas para jacasinhos em maio ou junho e transplantadas para local definitivo de outubro em diante, são: 25 cms. de diâmetro por 30 de altura.

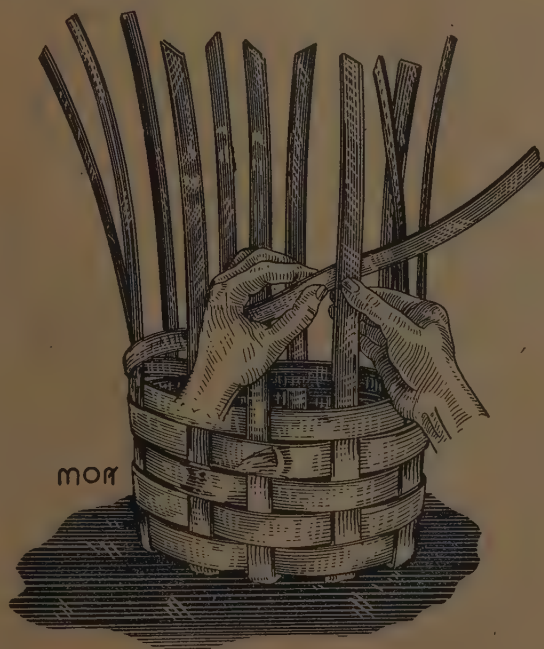
Tipos de jacasinhos. — Dois são os tipos usuais de jacasinhos: os de sapé e os de bambú. Os primeiros são feitos com a gramínea daquele nome (Imperata brasilhensis. Trin). A fabricação é muito simples e feita em um dispositivo de macho e fêmea, do tamanho que deseja. Colocado o sapé em camadas por sobre o orifício e comprimindo em seguida pela parte de madeira que nele se ajusta com a folga necessária, toma a forma conveniente. Em seguida as pontas são dobradas e amarradas com arame. É um tipo de jacasinho muito precário porque apodrece muito rápidamente, trazendo transtornos sempre que a operação de transplante seja um pouco mais demorada.

Jacasinhos de bambú. — são os mais usuais e os mais práticos. Teem maior durabilidade que os de sapé, sendo porisso mais convenientes. A maior dificuldade

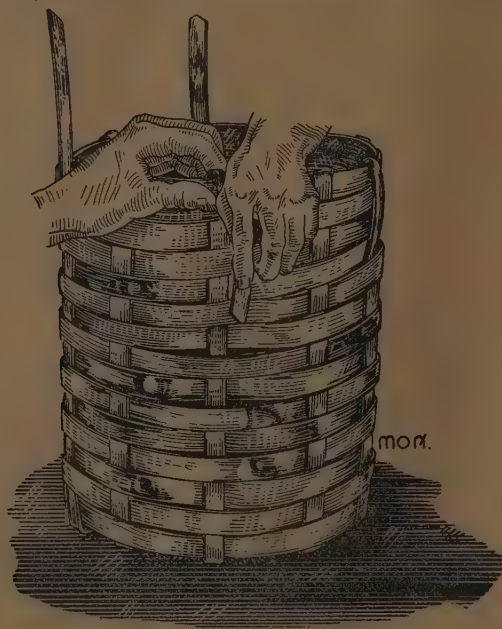
de sua fabricação reside quasi sempre na inexistência de bambuais nas fazendas. O bambú, é, no entanto, material indispensavel em qualquer propriedade agrícola Presta-se para inúmeros fins : fabricação de jacasinhos ; de jacás que são utilisados na colheita quer seja do café, do milho, do algodão, etc. ; tambem empregados nos trabalhos de estercação do cafezal ; estacas para diversas culturas ; construção de ripados, etc..

Toda a fazenda deveria possuir o seu *bambual.* É verdade que a terra nas proximidades do mesmo se torna resecada e assim se perde um espaço entre o renque de bambús e a mais próxima cultura. Mas haverá sempre um local em que o mesmo possa ser cultivado ; proximidade de colônia, beira de algum caminho interno, etc.. Os benefícios advindos da exploração dessa util gramínea compensarão largamente o pedaço de terra por ela ocupado e mais aquele que ficar inaproveitado em sua proximidade.

Formação do bambual. — Nas fazendas em que não haja bambual será conveniente escolher um local apropriado e formá-lo.

O bambú pode ser plantado de estaca ou por meio de rizoma. O plantio por meio de estaca é muito menos garantido e só deverá ser usado quando não se conseguir quantidade suficiente de mudas de rizoma.

Segundo Wester a estaca deverá ter de 20 a 30 cm. de comprimento, ser proveniente de haste bem madura. Faz-se o enterrio até 2/3 do comprimento. (3) Parece que melhor seria dar as medidas em inter-nós. Assim, a estaca deveria ter

no minimo três inter-nós, dois dos quais seriam enterrados e um ficaria para fóra do solo. Valerá à pena colocar um cada cova pelo menos duas estacas para garantir maior pegamento. Estas deverão ser irrigadas, caso faltem as chuvas.

Os rizomas para plantio devem ser cuidadosamente escolhidos. Devem conter, no mínimo, de três a quatro olhos. O preparo das mudas para plantio deverá ser feita ao abrigo do sol. (4) Esta é uma muda muito mais garantida do que a de estaca. Na fotografia 1. vê-se uma dessas mudas, arrancada com o broto ainda bem novo, com uma parte do rizoma e consequentemente com raizes.

Exploração do bambual. — Formado de qualquer das maneiras acima descritas, poderá ser começada a exploração do bambual do quarto ano em diante. Serão escolhidas as varas bem maduras e a retirada das mesmas deverá ser feita de tal modo que não prejudique, por excessiva, a plantação.

* * *

Assim de posse do bambú, poderão ser feitos os jacasinhos. Que o assunto tem uma importância prática bastante grande póde ser atestado pela descrição que Feilden (5) faz do método empregado para idêntico fim em Trinidad e descrito pelo Prof. Cheeseman do Imperial College of Tropical Acriculture. Lá trabalham com uma marantácea, denominada *Ischnosiphon arouma* Korn. O processo de fabricação tem alguma semelhança com o que se pratica com o bambú, sendo primeiro trancado o fundo e depois feita a parte lateral.

Fabricação dos jacasinhos de bambú — O primeiro trabalho consistirá em cortar as hastes de bambú no bambual. Depois são estas divididas em pedaços de dois tamanhos: a) em seis gomos; b) em dois gomos.

Qualquer um desses pedaços é cortado primeiramente ao meio; esta metade é ainda uma vez subdividida, dando portanto, cada um deles, quatro *estacas*.

Vão agora ser feitas as *tiras* ou *fitas*. A tirada das fitas é um serviço que precisa ser executado por um operário cuidadoso. Usa-se uma faca bem afiada, que uma vez colocada na extremidade da estaca, apanhando apenas uma pequena camada de bambú, vai deslisando, obtendo-se assim uma fita externa, verde, correspondente à parte externa do bambú. Repetindo-se a operação tiram-se ainda duas outras, brancas, correspondentes à parte interna da estaca. Cada pedaço de bambú dará, portanto, quatro vezes três, doze fitas ou tiras.

Temos então fitas de dois tamanhos, correspondentes aos pedaços de bambú que anteriormente havíamos cortado; a) tiras com seis gomos; b) tiras com dois gomos.

FOTO. 1 — Multiplicação do bambú. — Muda de rizoma.

Formação do fundo: — O fundo é formado por cinco fitas de dois gomos, isto é, das menores. Três são colocadas paralelamente uma ás outras e as duas restantes vão formar com estas um trançado, ficando colocadas em angulo reto com as primeiras. Paralelamente a estas duas últimas, coloca-se uma fita de seis gomos, tendo-se o cuidado de usar uma que seja verde, isto é, proveniente da parte externa do bambú. Faz-se o trançado como se fosse uma fita qualquer (gravura 1).

Para se fazer o contorno do fundo dobra-se a fita grande com que se vem trabalhando, dá-se uma volta como vem indicado na gravura 1, acompanhando a linha pontilhada, trançando-se sempre, isto é, passando ora por fóra, ora por dentro das fitas que formam o fundo. O movimento é sempre da direita para a esquerda.

Formação da parte lateral. — Dada a primeira volta trançando, em um ponto da segunda começa-se a dobrar as fitas que constituiram o fundo, como demonstra a gravura 2. Agora elas vão constirutir os *esteios* do jacasinho. A tira com a qual se vinha trançando o fundo continua a ser utilisada para trançar os lados do jacasinho, passando ora por fóra, ora por dentro dos esteios (gravura 2.)

Acabada que seja a fita com que se vinha trabalhando, uma nova a substitue. Esta também é das maiores, isto é, daquelas de seis gomos. Agora não importa que seja verde (parte externa) ou branca (parte interna do bambú). A colocação é feita por justaposição, tendo-se o cuidado de iniciar o trançado da nova fita um esteio para trás do último atingido pela anterior. E assim se continua a tecer o jacasinho. (gravura 3).

Verifica-se pois o porque de se tirarem fitas de dois tamanhos : as menores se destinam a fazer o fundo e a servirem de esteio e as maiores são as que se empregam para trançar.

Arremate do jacasinho. — Quando se chegar à altura desejada estão faltando apenas os arremates. Ha ainda pequenas sobras dos *esteios*. Uns ficaram em situação externa ao trançado e outros em situação interna. Os primeiros são cortados na altura da última fita trançada, ao passo que os internos são dobrados e enfiados por entre o trançado, servindo de arremate para o jacasinho. (gravura 4).

Este, assim, está pronto.

* * *

REFERENCIAS : —

1 — Mendes, J. E. Teixeira. Replantas. Boletim da Superintendência dos Serviços do Café, 187, pgs. 1.152 — 1.156, setembro de 1942.

2 — Mendes, J. E. Teixeira. Viveiros para café. Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo, n.º 119, pp. 646-656, julho de 1939.

3 — Anônimo. Reprodução do bambú. Citação de P. J. Wester em "Prorrogação e multiplicação das plantas tropicais". Chácaras e Quintais, vol. 37, n.º 3, pp. 265-266 — Março de 1928.

4 — Anônimo. Como multiplicar os bambús. Chácaras e Quintais. Vol. VII, n.º 6, pag. 12 dezembro de 1913.

5 — Feilden, G. St. Clair. Vegetative propagation of tropical and sub-tropical plantation crops. Imperial Bureau of Horticulture and Plantation Crops. Tecnical Communication n.º 13, março de 1940. Potting baskets, pp. 20-22, com três desenhos.

Campinas, 4 de Fevereiro de 1943.

Técnica das Adubações

A. Menezes Sobrinho

(Continuação)

COMO CALCULAR AS MISTURAS DOS FERTILIZANTES

Os adubos, como já foi dito, são aplicados ao solo sob a forma de misturas mais ou menos complexas.

Normalmente essas misturas se compõem de 3 adubos — azotados, fosfatados e potássicos.

A percentagem de alimentos puros é calculado do seguinte modo :–

1.º) — para os adubos azotados — a percentagem em azoto elementar (N). Exemplo : o Salitre do Chile tem 15,5% de Azoto (N).

2.º) — para os adubos fosfatados — a percentagem em anhidrido fosfórico (P205). Exemplo :– o superfosfato tem 20% de P205.

3.º) — para os adubos potássicos — a percentagem em óxido de potássio (K20). Exemplo.:– o Clorurêto de potássio tem 50% de K20.

Para se achar a percentagem de elementos puros n'uma mistura, multiplica-se a quantidade de cada adubo por sua percentagem em N, P205 ou K20.

Seja calcular as quantidades de elementos puros da seguinte mistura :–

Salitre do Chile	300 quilos
Superfosfato a 20%	500 ,,
Clorurêto de Potássio	200 ,,
	1.000 quilos

Tendo o Salitre do Chile 15,5% de N, os 300 quilos correspondem a 46,5 quilos de N, por mil, ou 4,65%.

Portanto a tonelada de mistura acima, encerra 46,5 quilos de N ou 4,65%.

O Superfosfato usado tem 20% de P205 ; logo os 500 quilos usados na mistura tem 100 quilos de P205.

A tonelada da mistura em apreço encerra pois 100 quilos de P205, ou 10%.

O Clorurêto de potássio tem 50% de K20 ; logo os 200 quilos usados têm 100 quilos de K20 e a tonelada da mistura encerra 100 quilos de K20 ou 10%.

A mistura que tomamos como exemplo tem, pois, a seguinte composição :

N	4,65%
P205	10,00%
K20	10,00%

Consideremos agora o caso contrário ; desejamos uma fórmula de adubação com 4,65 de azoto, com 10% de P205 e 10% de K20.

Usando os mesmos adubos (Salitre, Superfosfato e Clorurêto de Potássio) calcularemos do seguinte modo :–

Uma tonelada dessa mistura com 4,65% de azoto, com 10% de P205 e 10% de K20, contém respectivamente :

46,5 quilos de N
100,0 „ „ P205
100,0 „ „ K20

Para achar quantos quilos de Salitre do Chile correspondem a 46,5 quilos de azoto fazemos o seguinte cálculo simplissimo :– Multiplicamos 46,5 (quilos de azoto, por 100 e dividimos pela percentagem de azoto no Salitre que é 15,5. Assim teremos :–

$$\frac{46,5 \times 100}{15,5} = 300 \text{ quilos de salitre}$$

Para achar a quanto de superfosfato correspondem os 100 quilos de fósforo, multiplicamos 100 (quilos de fósforo, P205) por 100 e dividimos por 20 que é a percentagem de fósforo no Superfosfato :–

$$\frac{100 \times 100}{20} = 500 \text{ quilos de Superfosfato}$$

Para o potássio é o mesmo cálculo. A fórmula tem 100 quilos de potassa por tonelada e o Clorureto tem 50% de potassa. Multiplicando 100 (quilos de potassa) por 100 e dividindo por 50, encontramos a quantidade de Clorureto de potássio :–

$$\frac{100 \times 100}{50} = 200 \text{ quilos de Clorureto de Potássio}$$

Portanto a fórmula 4,65 — 10 — 10 corresponde a mistura de adubos :–

Salitre do Chile	300 quilos
Superfosfato a 20%........................	500 „
Clorureto de potássio	200 „
	1.000 quilos

Com o fim de facilitar os cálculos acima, organisamos uma tabela em que se encontra prontamente as quantidades de adubos comerciais mais usados correspondentes ás fórmulas de elementos puros :–

PROPORÇÃO DOS ELEMENTOS PUROS	ADUBOS AZOTADOS		ADUBOS FOSFATADOS		ADUBO POTÁSSICO
%	SALITRE DO CHILE com 15,5% de N Quilos	SULFATO DE AMONIO com 20,5% de N Quilos	SUPERFOSFATO com 20% de P205 Quilos	FARINHA DE OSSOS degelatinada com 28% de P205 Quilos	CLORURETO DE POTÁSSIO com 50% de K20 Quilos
1	64,50	48,70	50,00	35,71	20,00
1,5	96,75	73,05	75,00	53,57	30,00
2	129,00	97,40	100,00	71,42	40,00
2,5	161,25	121,75	125,00	89,28	50,00
3	193,50	146,10	150,00	107,14	60,00
3,5	225,75	170,45	175,00	125,00	70,00
4	258,00	194,80	200,00	142,85	80,00
4,5	290,25	219,15	225,00	160,71	90,00
5	322,50	243,50	250,00	178,57	100,00
5,5	354,75	267,85	275,00	196,42	110,00
6	387,00	292,20	300,00	214,28	120,00
6,5	419,25	316,55	325,00	232,14	130,00
7	451,50	340,90	350,00	250,00	140,00
7,5	384,75	365,25	375,00	267,85	150,00
8	516,00	389,60	400,00	285,81	160,00
8,5	548,25	413,95	425,00	303,57	170,00
9	580,50	438,30	450,00	321,42	180,00
9,5	612,75	462,65	475,00	339,28	190,00
10	645,00	487,00	500,00	357,14	200,00

Seja achar a quantos quilos de adubos comerciais corresponde a fórmula 5-10-6.

Procure-se na primeira coluna (1 a 10) a percentagem de azoto requerida que é 5. Si se deseja aplicar o Salitre, procure-se na coluna do Salitre o número correspondente a 5 e encontra-se 322,5 quilos de Salitre. Si se deseja usar o Sulfato de Amônio, procure-se o número correspondente na coluna dêste adubo e encontra-se o número 243,5 quilos de Sulfato de Amônio. Os 10% de fósforo correspondem a 500 quilos de Superfosfato ou 357,14 de Farinha de Ossos degelatinada. Os 6% de Potassa correspondem a 120 quilos de Clorurêto de Potassa.

* * *

Resulta mais econômico para o agricultor, comprar os adubos simples e fazer as misturas na Fazenda, — dêsde que êle o saiba fazer convenientemente. Não tendo porém meios para fazer as misturas ou não desejando ter êste trabalho, o lavrador poderá adquirir as misturas já feitas em uma casa comercial que as vende sob garantia de análise. Segundo a lei brasileira, cada saco de mistura deve trazer uma etiqueta com a *garantia de análise* e, ainda mais, a etiqueta apensa a cada saco tem impressa a percentagem de N total e a de N orgânico, amoniacal ou nítrico. Com o fósforo a mesma cousa ; a percentagem de fósforo total, a percentagem de fósforo soluvel n'água, soluvel no citrato e fósforo insoluvel. Para a potassa exige a lei a percentagem em K20 soluvel e a declaração do sal originário.

Os laboratórios oficiais controlam a autenticidade das análises e quando a análise não confere, é multado o comerciante que vendeu a mistura. Esta fiscasação é exercida em São Paulo pelo "Instituto Agronômico de Campinas" e nos outros Estados pelos laboratórios de controle do Ministério da Agricultura, sendo gratuita a análise a pedido do lavrador.

FATORES DE CONVERSÃO. — Desejando-se converter amônia em o equivalente em azoto; nitrato de sódio em o equivalente em azoto; nitrato de sódio em o equivalente a sulfato de Amônio; fosfato tricálcico em o equivalente em ácido fosfórico, etc., é bastante efetuar as multiplicações indicadas na tabela abaixo:

FATORES DE CONVERSÃO USADOS NA PRÁTICA DAS ADUBAÇÕES

	Para converter: –			Multiplique por: –
(1)	Amônia	em	Nitrogênio	0,82
(2)	,,	,,	Nitrato de Sódio	5,00
(3)	,,	,,	Sulfato de Amônio	3,90
(4)	Nitrogênio	,,	Amônia	1,20
(5)	,,	,,	Nitrato de Sódio	6,00
(6)	,,	,,	Sulfato de Amônio	4,80
(7)	Nitrato de Sódio	,,	Amônia	0,20
(8)	,, ,, ,,	,,	Nitrogênio	0,165
(9)	,, ,, ,,	,,	Sulfato de Amônio	1,55
(10)	Sulfato de Amônio	,,	Amônia	0,26
(11)	,, ,, ,,	,,	Nitrogênio	0,21
(12)	,, ,, ,,	,,	Nitrato de Sódio	0,64
(13)	Nitrato de Potássio	,,	Nitrogênio	0,14
(14)	Nitrato de Amônio	,,	,,	0,35
(15)	Cianamide de Cálcio	,,	,,	0,35
(16)	Ácido Fosfórico	,,	Fósforo	0,44
(17)	,, ,,	,,	Fosfato Tricálcico	2,20
(18)	Fosfato tricálcico	,,	Fósforo	0,20
(19)	,, ,,	,,	Ácido Fosfórico	0,46
(20)	Fósforo	,,	,, ,,	2,30
(21)	,,	,,	Fosfato tricálcico	5,00
(22)	Potassa	,,	Potássio	0,83
(23)	,,	,,	Clorurêto de Potássio	1,60
(24)	,,	,,	Sulfato de Potássio	1,85
(25)	Potássio	,,	Potassa	1,20
(26)	,,	,,	Clorurêto de Potássio	1,90
(27)	,,	,,	Sulfato de Potássio	2,20
(28)	Clorurêto de Potássio	,,	Potássio	0,53
(29)	,, ,, ,,	,,	Potássa	0,63
(30)	Sulfato de Potássio	,,	Potássio	0,45
(31)	,, ,, ,,	,,	Potassa	0,54
(32)	Carbonato de Potássio	,,	Potassa	0,68
(33)	Óxido de cálcio	,,	Cálcio	0,71
(34)	,, ,, ,,	,,	Carbonato de Cálcio	1,79
(35)	,, ,, ,,	,,	Hidrato de Cálcio	1,32
(36)	Carbonato de Cálcio	,,	Óxido de Cálcio	0,56
(37)	,, ,, ,,	,,	Hidrato de Cálcio	0,74
(38)	Hidrato de Cálcio	,,	Óxido de Cálcio	0,76
(39)	,, ,, ,,	,,	Carbonato de Cálcio	1,35
(40)	Óxido de Magnésio	,,	Óxido de Cálcio	1,40
(41)	Carbonato de Magnésio	,,	Carbonato de Cálcio	1,19
(42)	Sulfato de Cálcio	,,	Óxido de Cálcio	0,41

SOLUBILIDADE DOS ADUBOS. — O valor dos adubos é conferido por sua solubilidade. Os adubos soluveis em agua teem uma ação mais rápida do que os insoluveis e são vendidos a preços mais elevados.

SOLUBILIDADE DO AZOTO. — é expressa sómente em relação á água. Os nitratos e os saes amoniacaes são soluveis n'água. Os adubos orgânicos são insoluveis.

SOLUBILIDADE DOS FOSFATOS. — No Superfosfato determina-se a parte soluvel n'água e a parte soluvel em uma solução neutra de citrato de amônio. Na Escória de Tomas, dosa-se a porção soluvel numa solução de ácido cítrico. A Farinha de Ossos é insoluvel n'água e no citrato. Seu valor fertilizante é computado segundo seu conteúdo em fósforo total revelado pela análise. A Farinha de Ossos é solubilidada lentamente pela água do solo carregada de gaz carbônico.

No Renânia-fosfato e no Germânia-fosfato determina-se a quantidade de fósforo soluvel no citrato de amônio.

SOLUBILIDADE DOS SAES DE POTÁSSIO. — Para os saes de potássio, leva-se em consideração a solubilidade em água.

ASSIMILIDADE COMPARADA DOS ADUBOS AZOTADOS

SEGUNDO DIFERENTES AUTORES

ADUBOS	WAGNER E DORSCH	JOHNSON	VOORHEES	WAGNER	MÉDIA
Nitrato de Sódio	100	100	100	100	100
Sulfato de Amônio ..	90	—	—	83	86
Torta de Algodão	—	76	70	—	73
Sangue Sêco	70	77	70	65	70
Farinha de Chifre ...	70	72	—	65	69
Tankage	—	68	60	—	64
Farinha de Carne ...	60	—	65	53	59
Farinha de Ossos	60	—	60	53	59
Esterco de Curral....	45	—	—	25	35

TORTAS VEGETAIS. — O quadro abaixo dá a composição média de algumas tortas oleoginosas mais usadas na adubação: —

	Azoto	*Fósforo*	*Potassa*
Torta de Algodão	7,0	2,9	2,0
„ „ Mamona	5,0	1,7	1,0
„ „ Côco	3,0	1,6	0,8
„ „ Babassú	4,0	1,5	0,9
„ „ Amendoim	7,0	1,5	1,0

PRÁTICA DA ADUBAÇÃO

As terras novas, recem-desbravadas, produzem bôas colheitas durante muitos anos, sem necessitar do auxílio dos adubos. Com o proseguimento da exploração, porém, as colheitas começam a diminuir, tornando-se então necessária a aplicação dos adubos. O agricultor deve então consultar um Agrônomo, afim de lhe aconselhar uma adubação apropriada as sua terras. Se a deficiência é sómente de fósforo, (caso muito frequente) o lavrador deve aplicar sómente uma adubação fosfatada. Na maioria dos casos, tratando-se de terras submetidas ha muito tempo ao cultivo extensivo, é necessário empregar uma fórmula completa, isto é, com os 3 elementos, azoto, fósforo e potássio.

A adubação para ser econômica, deve produzir um excesso de produção que dê para para pagar o custo dos adubos e da sua aplicação, sobrando ademais um superavit, que é o lucro do agricultor. Daí a necessidade de uma mistura ajustada ás condições especiais de cada cultivo e de acôrdo com a natureza dos solos. É comum no Estado de São Paulo, o emprego unilateral de fósforo, sem azoto e sem potássio, especialmente na cultura do algodoeiro e da cana, plantas que absorvem grandes doses de azoto.

Em Pernambuco, ao contrário, a adubação da cana é feita com fórmulas muito ricas em azoto, que vão de 300 a 500 quilos de salitre por Hectare, conseguindo-se assim rendimentos muito mais elevados que os de São Paulo. Tanto a cana como o algodoeiro são plantas que absorvem doses elevadas de azoto do solo, não se justificando omitir o azoto da fórmula, a não ser em terras novas de recente derrubada, ainda ricas em humus.

A adubação é uma prática dispendiosa e deve portanto ser executada com toda técnica para que os seus resultados econômicos sejam máximos.

Um estudo minucioso da terra e da planta a cultivar deve ser feito antes de decidir que adubos se deve empregar. Muitas vezes o motivo de colheitas fracas é uma acidez excessiva do terreno, bastando portanto fazer uma calagem. A determinação do índice de acidez do solo deve ser a primeira providência a ser dada quando se pretende fazer uma adubação. A acidez é modernamente expressa pelo simbolo pH seguido de um número que exprime a intensidade da acidez.

Resumidamente pH 7 significa neutralidade. Abaixo de 7 todos os valores pH são ácidos e acima de 7 são alcalinos. Uma terra com :—

pH 6 — é fracamente ácida
pH 5 — é fortemente ácida
pH 4 — é excessivamente ácida

Verificada a acidez da terra, trata-se de corrigi-la com calcáreo em pó. Outras vezes a deficiência da produção é motivada pela falta de humus, fazendo-se então necessário uma adubação com esterco ou o emprego de adubação verde. É sempre conveniente fazer uma adubação mixta, isto é, com adubos quimicos e orgânicos.

APLICAÇÃO DOS ADUBOS NAS CULTURAS ANUAIS. — os adubos devem ser aplicados nos sulcos destinados á plantação, misturando-os intimamente com a terra, afim de obter uma distribuição bem uniforme. É comum entre nós adubar e plantar no mesmo dia, prática que não é muito recomendavel. A plantação deve ser feita 5, 6 ou 7 dias depois da adubação, afim de que a mistura fertilizante tenha tempo de se difundir na terra, evitando prejudicar a germinação das sementes.

CULTURA PERMANENTE. — nas culturas permanentes como laranjeira, cafeeiro, etc., a aplicação dos adubos deve ser feita com certa antecedência da florada, afim de que os adubos tenham tempo para se solubilizar e de ser absorvidos, de modo a influenciar na florada, e, portanto, no volume da colheita. É ainda necessário que a aplicação seja feita estando a terra húmida, capaz de solubilisar os adubos. Em pomares e cafezaes, a adubação é feita em sulcos abertos com o arado no meio das ruas. É sempre conveniente espalhar o esterco no fundo do sulco e, sobre o esterco, aplicar a mistura fertilizante. Nos terrenos acidentados, deve-se abrir uma meia lua na parte mais alta e proceder a adubação.

HORTAS E JARDINS. — aplicar os adubos sobre a terra e em seguida incorpora-los a terra por meio de uma escarificação. Os adubos fosfatados e potássicos são sempre retidos pelo poder absorvente da terra, contraindo aí novas combinações que os imobilisam no local da aplicação, sendo muito lenta sua difusão na terra. Os nitratos, ao contrário difundem-se mais facilmente no seio da terra. Na aplicação dos adubos, portanto, os fosfatos e os saes de potássio devem ser enterrados a uma profundidade de 10 a 30 centimetros, conforme a cultura afim de aproxima-los das raizes. Os nitratos (salitre, etc.) devem ser aplicados em cobertura, isto é, á superfície da terra. Aliás, a dose de Salitre deveria ser dividida em duas aplicações : — a primeira constituida de um terço, juntamente com os adubos fosfatados e potássicos, e a segunda, dos dois terços restantes, em cobertura. Em Pernambuco é hoje uma prática standard aplicar o salitre em cobertura, na adubação da cana, depois que ela tem uma altura de mais ou menos 30 centímetros. Em São Paulo tambem já se usa muito o Salitre em cobertura na adubação do algodoeiro, batatinha, tomateiro, etc.

COMPOSIÇÃO DE DIVERSOS ADUBOS ORGÂNICOS

	Matéria Orgânica	Azoto	P205	K20	Ca0	Mgo	Matéria Mineral
Estrume de Curral........	23,30	0,56	0,21	0,56	0,36	0,18	8,34
Estrume de Carneiro	29,12	1,10	0,66	1,89	1,02	0,75	—
Palha de Café	80,24	1,29	0,16	1,73	9,57	0,19	5,44
„ „ „	83,87	1,26	0,16	1,65	0,59	0,20	4,47
„ „ „	85,54	1,36	0,15	1,59	0,56	0,17	5,13
„ „ „	82,87	1,26	0,19	2,02	0,39	0,16	5,44
„ „ „	80,24	1,45	0,27	2,21	0,72	024	7,01
Serrapilheira do Mato	24,34	0,94	0,12	0,14	1,63	0,16	58,25
„ „ „	50,96	1,30	0,10	0,10	0,12	0,14	14,02
„ „ „	12,21	0,51	0,05	0,12	0,42	—	57,53
„ „ „	11,98	0,38	0,03	0,05	0,18	—	59,65
„ „ „	16,58	0,58	0,05	0,05	0,20	—	63,84
„ „ „	12,47	0,52	0,03	0,08	0,26	—	66,28
Residuo de Lúpulo	26,73	0,91	0,74	0,48	1,50	0,50	7,41
Bagaço de Cevada	32,16	1,40	0,29	0,02	0,07	0,10	1,30
Bagaço de Cana	18,51	0,38	0,15	0,17	0,50	—	9,87
„ „ „	25,60	0,07	0,05	0,04	0,20	—	5,38
„ „ „	22,25	0,28	0,09	0,19	0,20	—	6,64
„ „ „	30,56	0,09	0,03	0,12	0,04	—	2,88

CAUSAS DE INSUCESSO NA APLICAÇÃO DOS ADUBOS

Algumas vezes registra-se um insucesso na aplicação dos adubos que pode ser devido a vários motivos.

1.°) — Aplicação de um adubo de assimilação muito lenta em culturas de ciclo rápido.

2.) — Adubação incompleta, faltando um dos elementos nobres — azoto, fósforo ou potassa.

3.°) — Excesso de acidez da terra, sendo então necessário corrigi-la com calcáreo, antecipadamente.

4.°) — Falta de matéria orgânica no solo. Deve-se aplicar o estrume de curral, palha de café, bagaço de cana curtido ou qualquer outro resíduo orgânico.

5.°) — Ausência de um dos "elementos menores", boro, cobre, zinco, etc.

6.°) — Aplicação de um adubo mal moido. A Farinha de Ossos é o caso mais frequente ; o agricultor deve exigir uma farinha finamente moida, recusando os produtos grosseiros mal preparados.

7.°) — Misturas com adubos incompativeis, física ou quimicamente.

8.°) — Emprego de mistura adulterada com substâncias inertes ou de pouco valor fertilizante. O agricultor deve se precaver contra êsses prejuizos eventuais, sendo de toda conveniência enviar uma amostra da mistura com o seu certificado de garantia aos institutos oficiais, afim de verificar a exatidão das percentagens contidas nas etiquetas. O "Instituto Agronômico de Campinas" analisa gratuitamente qualquer amostra de adubo, a pedido dos srs. fazendeiros e, quando as percentagens não estão de acôrdo, é multado o comerciante que tentou lesar o agricultor.

9.°) — Insuficiência de um dos elementos necessários á planta.

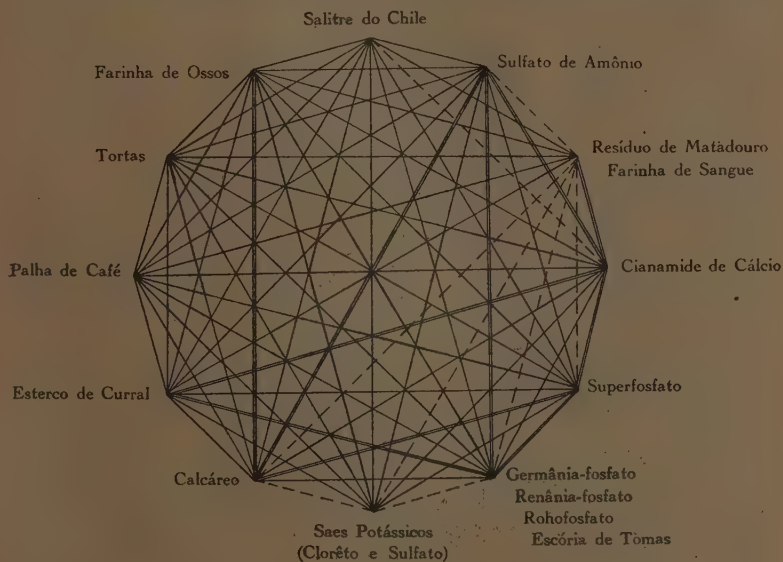
10.°) — Aplicação tardia.

11.°) — Máu preparo do terreno. Numa terra mal lavrada, mal preparada, a incorporação dos adubos será defeituosa e incompleta, resultando máu aproveitamento.

12.°) — Condições atmosféricas adversas.

DIAGRAMA

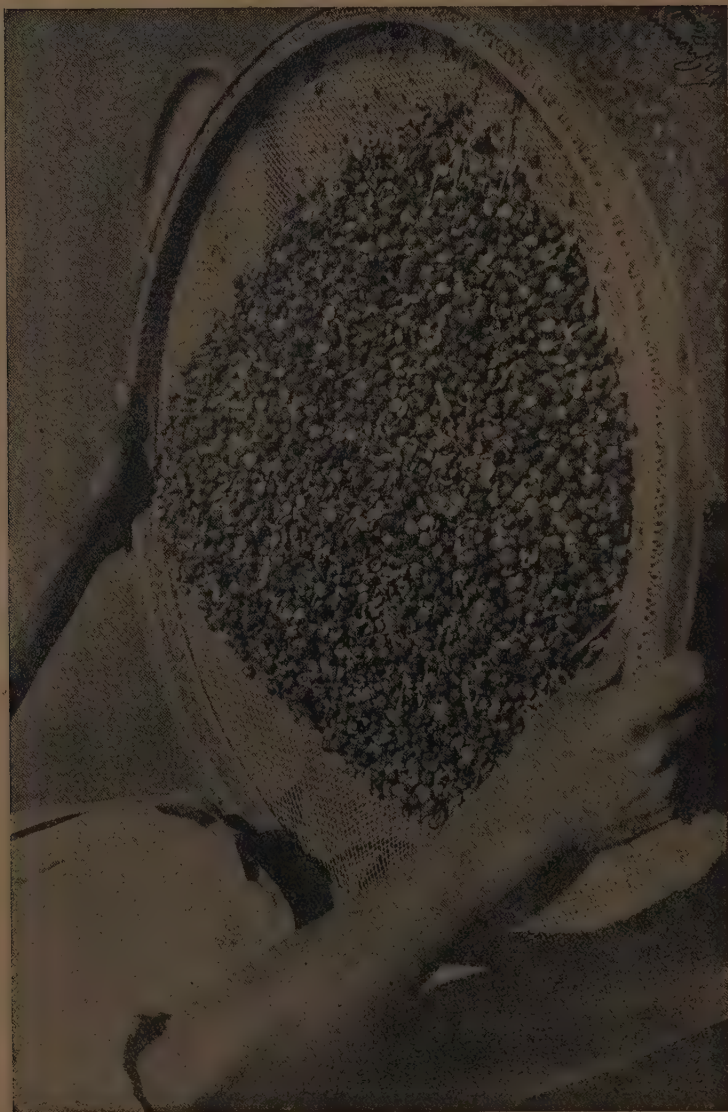
DA

INCOMPATIBILIDADE DOS ADUBOS

MISTURA DE ADUBOS

———————— - Podem ser misturados em qualquer tempo

— — — — — — - Só devem ser misturados pouco antes da sua aplicação

════════ - Não devem ser misturados

FIM

Resumos e Transcrições

Conservação da Terra [1]

DR. PAULO CUBA DE SOUZA

Diretor das Estações Experimentais do Instituto Agronômico de Campinas (São Paulo) e técnico especializado nos E. Unidos.

A erosão não é novidade para todos aqui presentes e é entretanto reconhecidamente um grande mal. Mas o maior mal é que estamos nos acostumando a assistir impassiveis a esse lastimavel descalabro. Conformamo-nos com ela como nos conformamos com alguns males da Sociedade. Porém o homem passa e a terra fica. As gerações se sucedem dentro do curto prazo de 50 a 60 anos. Mas a terra é muito mais permanente. A mesma terra que criou nossos tataravós continua criando nossos filhos. Felizmente depois de 200 anos de exploração agrícola existe ainda, muita terra à se salvar em Minas e S. Paulo. A agricultura mecânica e as adubações químicas facilitaram ao homem maior intensidade no uso de suas terras. Assim, o desgaste do nosso Patrimônio Nacional, que outrora se processava dentro de um ano, é equivalente ao produzido num dia de verão chuvoso, na atualidade. Por isso urge estudar, e urge iniciar qualquer cousa que interrompa o movimento devastador das águas.

A conservação do solo é a denominação geral que visa evitar qualquer desperdício e o abuso do solo, seja controlando a erosão ou seja conservando-o por outros processos. O Serviço de Conservação dos Solos dos EE. UU. nasceu da necessidade, pois a erosão é naquele País uma verdadeira calamidade e os estragos produzidos são fantásticos. Basta citar que *14% da área total daquele País foi totalmente danificada,* totalmente posta fora de uso, e que *35% foi de tal forma prejudicada,* que só pode ser cultivada mediante um sistema de medidas mais ou menos complexas para evitar a sua destruição completa.

O Serviço de Conservação de Solo aplica as práticas mais aconselhaveis, baseado numa classificação de terra e não de solo. Ao lavrador interessa saber qual a capacidade de sua terra, da camada aravel. O estudo do solo já é do campo científico.

Sobre este assunto será preciso mais cedo ou mais tarde, tratarmos de especificar o que seja terra e o que seja solo para melhor se enquadrarem na concepção moderna que está em franco desenvolvimento nos EE. UU.. Para os serviços de conservação de solo, só é utilizada uma classificação de terras (Land Classification). Toda e qualquer terra cabe dentro de uma das oito classes, e o que é mais interessante, apenas três fatores são anotados no levantamento físico baseado nos quais faz-se a classificação da referida terra. Estes fatores são os seguintes :

1) Declive médio.
2) Gráo e extensão de erosão.
3) Tipo da terra.

O declive médio é determinado por um pequeno nivel de bolso sem auxílio de nenhuma régua métrica. É um pequeno aparelho muito prático e os resultados são bastante precisos.

---

(1) Palestra realizada no Clube Ceres.

O grao de erosão é a porcentagem em profundidade de terra erosada, tomando-se por base a terra primitiva ou virgem, o quanto possivel.

O tipo de terra varia com as suas qualidades físicas apreciaveis a olho nu, qualidades essas como textura, estrutura, arenosa, argilosa, variadas cores etc. . A nomenclatura de solos é uma verdadeira balburdia, existem lá milhares de nomes diferentes. O novo levantamento físico para o Serviço de Conservação de Solos, se restringe a glebas limitadas e é perfeitamente possivel a utilisação de números ao invés de nomes. A nomenclatura ou numeração dos solos não tem importância capital pois que oito solos com o mesmo nome podem cair em oito classes diferentes, visto que o tipo de solo é apenas um fator e o grao de erosão e o declive médio, são de maior importância. Aliás, todo o levantamento físico (Soil Survey) do solo, feito em anos passados naquele país, de nada valeu como base para o Serviço de Conservação, pois nada dizem sobre o grao de erosão e sobre o declive médio das terras, se aprofundando, entretanto, com exageradas minúcias sobre os característicos físico-químicos, sua origem, formação e demais fatores que pouco ou nenhum elemento fornece como base para o serviço de conservação.

As oito classes de terra são as seguintes :

1) Terra adequada ao cultivo sem práticas especiais.
2) Terra adequada ao cultivo com práticas simples.
3) Terra adequada ao cultivo com práticas complexas ou intensivas.
4) Terra adequada a limitado cultivo.
5) Terra não adequada ao cultivo, mas sim para vegetação permanente, pastagens ou florestas, não requerendo medidas ou práticas especiais.
6) Terra não adequada ao cultivo. Requer restrições moderadas e uso ou não de práticas ou medidas especiais.
7) Terra não adequada ao cultivo. Usada com severas restrições, com ou sem práticas especiais.
8) Terra não adequada ao cultivo, nem pastagens e nem florestas, classe anti-econômica.

Esta classificação visa diretamente a Agricultura. Estamos interessados em saber as condições da terra como ela se encontra hoje e o quanto é ela capaz de uma produção agrícola para o futuro. Daí a denominação « Classificação pela capacidade de uso ». Isto é, fazermos uso da terra somente dentro de sua capacidade.

Não é atoa que se diz que o lavrador está *sempre* a 20 cm. do deserto. De fato, o que interessa ao lavrador é a terra, mas simplesmente a sua camada superficial, os primeiros 20 cm. de espessura. Daí para baixo não existe terra, mas sim o sub-solo esteril, um verdadeiro deserto. Precisamos nos lembrar disso e conservar estas poucas polegadas que nos separam de um triste Sahara.

Todas as zonas agrícolas se acham em uma das seguintes fases :

A — da Conservação da terra.
B — de Controle à erosão.

Uma vez que a terra não foi protegida aparecem os efeitos da erosão. Aí então estaremos na fase de controle à erosão. São Paulo está em situação transitória, existem inúmeros casos de conservação e muitos de controle à erosão.

Nenhum milagre solucionará ou amenizará o desgaste de nossas terras, a não ser pela nossa direta intervenção. Intervenção criteriosa acompanhando passo a passo a sábia natureza. Nenhum governo poderá deter-se ou com fabulosas verbas, estancar essa sangria crescente de nossas terras. Somente os Srs. Lavradores e Administradores poderão por mãos à obra e objetivar toda a literatura que o agrônomo possa saber. A tarefa depende quasi na sua totalidade do interesse e dedicação dos Snrs. Lavradores e Administradores. Os técnicos podem apenas advertir, lembrar, ajudar e orientar. A execução porém, a parte mais importante, cabe aos Snrs. Lavradores e Administradores. Existe uma grande esperança pois, que se baseia na iniciativa particular dos nossos Lavradores. Sem, essa alavanca, a classe de técnicos a que pertenço seria simplesmente inutil.

Em vários pontos já existem lavradores lutando ferozmente contra as enxurradas . Nessa luta titânica mais vale a esperteza do que a brutalidade. Conhecendo a topografia do terreno, o curso natural das enxurradas e o tipo da terra, podemos melhor defender a nata ou o que resta da nata da nossa terra. Diques de pedras, canais de cimento armado, meios de alvenaria são de pequena serventia. A água é sorrateira e manhosa. Quando não leva a terra de cambulhada, gasta-a por igual na superfície, o que é peior. Os estragos de enxurradas nas valetas e caminhos, são perceptiveis a olho nu. Mas o desgaste lento em toda a superfície, de ano para ano, é imperceptivel, e quando damos pelo fato — a terra já não está lá.

Examinemos sumariamente quais as práticas principais perfeitamente ao alcance de qualquer lavrador e que alem de conservar a terra constitue um eficaz controle à erosão.

A) Terraços
B) Canais escoadouros (prados ou capineiras)
C) Culturas em faixas
D) Rotações de faixas
E) Culturas marginais
F) Cuidados com os pastos
G) Cuidados com as matas

A — TERRACEAMENTO — Sobre este meio de diminuir a erosão e quebrar a velocidade das águas, São Paulo já conta com um grupo de agrônomos perfeitamente capaz de executar este serviço. As tabelas que aqui usamos são semelhantes às norte americanas. Mesmo lá as tabelas não são são fixas, pois para seu cálculo são muitos os fatores que variam tais como, tipo de solo, declive, cultura, chuvas anuais etc. . O que já foi feito em São Paulo nesse sentido já é indicação de que não é neste setor que encontraremos dificuldades.

As máquinas com as quais constroem terraços são as mais variadas, desde o arado até plainas poderosas. A tração pode ser feita com bois, burros, cavalos ou trator. Tudo depende do que o lavrador tiver disponivel. Não é indispensavel terracear todas as glebas de cultura da fazenda em um único ano. Esse e outros serviços são distribuidos e executados paulatinamente dentro de um período de três a cinco anos.

O Governo deve e fornecerá assistência técnica. Todo o maquinário é por conta do lavrador.

B — CANAIS ESCOADOUROS — *Os terraços usados isoladamente são em geral mais prejudiciais do que uma medida de conservação.* Isso é natural, pois a sua função é apenas coletar o excesso de água que cai numa certa faixa de terra, excesso esse que infelizmente não se infiltrou. Ora, uma vez coletadas as águas dentro de um terraço, o que acontece? Naturalmente elas se escoam pelas pontas dos terraços. Aí é que nos faltava um elemento de grande importância. Um escoadouro que desse evasão às águas sem causar mais prejuizos. Os Americanos, muito engenhosos, experimentaram tudo o que foi possivel e chegaram a conclusão de que o *o que melhor segura a terra são as próprias plantas.* Isto é, gramíneas ou leguminosas plantadas bem juntas formando assim milhões de pequenos diques indestrutiveis. Mas lá, o lavrador tambem não planta gramíneas ou leguminosas simplesmente para segurar o solo . Resolveram então a questão formando prados ou capineiras escoadouros de onde se obtem boa produção de feno ou forragem. A profundidade do escoadouro é pequena e a largura varia de 10 a 25 metros.

Estes escoadouros devem ser construidos um ano antes da construção dos terraços. Aliás, sou de opinião de que o Governo não deve extender assistência técnica para a construção de terraços, a não ser que esta condição seja bem definida e estipulada.

Vista de um grupo de fazendas americanas (Temple, Texas), mostrando terraceamentos dos campos, culturas em faixas e controle de escoadouros.

Naturalmente não é possivel a construção do escoadouro nem estabelecer no mesmo qualquer vegetação enquato por ele correr a enxurrada. É mais aconselhavel onde não existir terraços, construir o escoadouro e contemporizar com culturas em faixas até ser possivel construir os terraços.

C — FAIXAS MARGINAIS — Os norte americanos depois de sofrerem terriveis perdas no seu patrimônio nacional que é a terra, preparam-se e estão desenvolvendo hoje uma inteligente estrategia de guerra contra o inimigo que, ora rouba sorrateiramente e ora desenfreiado, leva de cambulhada pelas barrocas abaixo a própria terra, esse elemento vital e básico para o homem. A estrategia pode-se resumir numa simples frase : *não deixar um palmo de solo sem plantas*. Acontece que entre as matas ou capoeiras e as terras de culturas existe uma faixa de terra que nada produz devido à sombra produzida pelas arvores e a concurrência da sua raizama muito melhor estabelecida e mais forte do que a das plantas cultivadas. Nesse ponto ainda, é onde geralmente viram o animal ou o trator quando do preparo da terra. Aí então as plantas não crescem ou são muito ralas e mais cedo ou mais tarde a erosão se inicia e prosegue. Para evitar esse perigo estabelece-se uma faixa gramínea ou leguminosa de 10 a 20 metros de largura formando assim uma faixa divisória entre o mato e a terra cultivada. Nesse caso o excesso de água dos terraços pode escoar nessa faixa que, além de segurar e proteger o solo, é tambem um pedaço de terra que produz feno ou capim verde.

D — CULTURAS EM FAIXAS — Este termo denomina o cultivo de diferentes plantas em faixas alternadas. Quando essas faixas se prolongam em sentido contrário ao declive, elas oferecem consideravel resistência ao movimento das águas das chuvas, e assim podemos contemporizar até ser possivel a construção de terraços que nem por isso são dispensaveis. As faixas são de grande eficiência, principalmente quando uma das culturas é mais densa, isto é, com maior número de plantas por metro quadrado, do que as demais faixas. Por exemplo uma faixa de algodão ao longo de uma encosta, digamos de 25 metros de largura, a seguir outra faixa de arroz, de 5 metros de largura e assim por diante. Se o terreno for terraceado, torna-se mais facil estabelecer o sistema de culturas em faixas ocupando cada intervalo entre terraços com diferentes culturas. Quando entretanto, combinamos o sistema de culturas em faixas com o *velho sistema de alterar culturas no mesmo terreno*, matamos dois coelhos com uma só pedrada, e é disso que trata a quinta prática a seguir.

E — ROTAÇÕES — Quando as plantas cultivadas em faixas são alternadas de ano para ano no mesmo terreno ocupado pela faixa, temos o que denomina-se a *Rotação de faixas*, e é este um dos elementos de muita importância na conservação do solo. Uma vez estando toda uma gleba terraceada e cultivada em faixas de culturas diferentes, não existe trabalho algum adicional em estabelecer uma rotação dessas culturas nas respectivas faixas, e esse trabalho não é só compensador economicamente, como ainda é uma medida que tende a conservar o solo. As rotações lá já estão bem estudadas e estabelecidas e uma das comumente empragadas é a seguinte : Algodão, trigo e leguminosas (lespedeza) sendo os produtos das duas primeiras facilmente vendaveis e o da terceira, utilizado como feno para os animais de trabalho e de produção de leite.

E' extraordinária a atenção dispensada pelo lavrador norte americano para a produção de feno e não resta dúvida que, os animais de trabalho e de produção de leite não poderiam atravessar o inverno sem alimentação, produzida nas próprias terras onde trabalham. Não vejo porque aqui ao menos em São Paulo o problema seja muito diferente porquanto *se não temos o inverno frio, o temos bem seco* o que impede da mesma forma o desenvolvimento vegetativo dos pastos e das capineiras. Não é sem tempo pois, que os nossos lavradores voltem a sua atenção para a produção de feno ou forragem em suas fazendas para suprir as necessidades.

durante o inverno. O feno ou o capim verde tornou-se um valioso sub-produto da prática do controle da erosão pelos prados escoadouros.

F — CONSERVAÇÃO DA MATA — A mata ocupa um pedaço de terra e cuidando-se da mata, cuida-se indiretamente de conservar o solo que ela ocupa. A não ser que haja necessidade de aproveitamento da área para cultivo de plantas econômicas, o mato não deve ser cortado a eito, isto é, *é desaconselhavel a derrubada total.* Com o corte das árvores mais desenvolvidas cada dois anos, a mata produz uma pequena renda e as árvores mais novas proseguem no seu crescimento, capitalisando um certo rendimento para o dia de amanhã. As matas ou capoeirões ocupam naturalmente os terrenos muito íngremes ou ao longo de barrocas às margens de rios ou riachos. Porque derrubá-las totalmente é expor o solo à devastadora erosão, quando o uso dessa terra de acordo com a sua capacidade, não deve ser outro se não a produção periódica de lenha e Madeira? Do acordo com a nova classificação elaborada e adotada pelo Serviço de Conservação do Solo, *cada parcela de terra tem uma determinada capacidade e devemos fazer uso da mesma, somente dentro dos limites dessa capacidade.*

G — CONSERVAÇÃO DO PASTO — Os pastos são geralmente muito bem protegidos contra a erosão porque são cobertos por gramíneas que seguram o solo muito eficientemente. Existe entretanto *o perigo do abuso,* isto é, a exploração dessas gramíneas por um número maior de animais do que elas são capazes de suportar. Enquanto as plantas estiverem vivas, as suas raizes não permitirão que a terra seja roubada pela enxurrada. Uma vez dependuradas, aniquiladas e mortas pela intensidade de animais que dela se nutrem, a erosão se inicia superficialmente, mais tarde, formando valetas as quais se aprofundam, deformando e inutilizando o pasto. É geralmente um caso típico de abuso, isto é, do *uso do pasto alem da capacidade da terra na qual ele cresce.*

A terra dos pastos geralmente endurece, seja pelo piso dos animais ou seja pela impossibilidade de cultivá-la frequentemente, tornando cada vez mais dificil a infiltração das águas das chuvas. É lá uma prática comum, e aconselhavel entre nós, a de sulcar o pasto contornando o declive, deixando um espaço entre os sulcos de 5 a 10 metros. Ao fazer sulcos, a leira tomba, para o lado baixo, formando assim camalhões como curvas de nivel. É essa u'a maneira de facilmente aumentar a infiltração das águas das chuvas e logo na estação seguinte pode-se notar o capim verdejante ao lado do *sulco que coleta e facilita o aproveitamento de maior quantidade de água.*

O emprego combinado destas sete práticas resolve praticamente o problema da conservação do solo; pelo menos nos Estados Unidos, país dos mais adiantados nesses estudos, não existem outras práticas fundamentais para controle da erosão e conservação do solo. A não ser quanto à construção de terraços, o problema em geral se resume no seguinte:—cobrir *o mais possivel o solo com plantas adequadas e tirar o maior proveito econômico possivel, direta ou indiretamente, do uso dessas plantas.*

À primeira vista estas práticas parecem um tanto complexas e de dificil execução. Os nossos lavradores farão melhor se iniciarem o programa pela formação dos prados — escoadouro — no ano seguinte construir os terraços e daí por diante com as demais práticas. Não é preciso nem aconselhavel atacar todo o serviço em toda a fazenda logo no primeiro ano.

Evidentemente as Práticas para a conservação da Terra e os demais trabalhos na Agricultura são de facil compreensão, mas a sua aplicação nem sempre é facil pois em geral não condizem com interesse imediato do lavrador, e afinal é o lavrador que executa todos os trabalhos de agricultura. A nossa ação só pode ser eficiente si for aceita pelo lavrador.

A Pluviometria Paulista e os embarques de Café

Bueno de Azevedo
(Lavrador em Pirajú)

O Sr. Bueno de Azevedo, operoso e adeantado lavrador paulista, publicou na "Folha da Manhã", desta Capital, de 5 de fevereiro último, o interessante artigo que, com a devida vênia, publicamos a seguir.

Numerosos fatores estão se aglomerando para nos indicar que rapidamente estamos perdendo terreno como produtores de café. Ainda estamos, porem, em tempo de evitar que o Brasil perca a hegemonia do mercado mundial do café.

Não é possivel em um simples artigo de jornal estudar e expor o problema sob todos os seus aspectos. Julgamos isso impossivel e com o que vamos dizer não pretendemos fazer crítica aos dirigentes da política cafeeira. Estes não podem ter o dom divino da onisciência, não podem incessantemente manejar microscópios com os quais analisem todos os segredos da vida da lavoura do café. Eles já teem estudos bastante minuciosos e perfeitos dos aspectos estatísticos e econômicos do café. Eles ja fizeram muito se considerarmos que a visão panorâmica do café é apreciada do 18.° ou do 20.° andar de um arranhacéu.

Nós, lavradores que vivemos longe, muito longe do asfalto das grandes capitais e que trafegamos pelas estradas de 2.ª ou de 4.ª ordem que vão dos cafezais até as estações ferroviárias é que podemos conhecer bem certas minúcias do martírio da cafeicultura.

* * *

Quem nos estiver lendo há de achar que o "nariz de cera" já está ficando muito comprido.

O enigma do título que encima estas linhas já estará causando ao leitor aquela inquietação de quem receia que o artigo que está lendo, com toda a atenção, sobre os encantos de Helena de Tróia ou de Cleópatra, termine com o desapontamento de ter lido apenas um anúncio de um creme ou de um depilatório.

Tranquilize-se o leitor. O assunto é sério e nos foi inspirado pelo estudo que fizemos do "Boletim Pluviométrico" do Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo. Nesse "Boletim" impressionou-nos o "Diagrama das Alturas pluviométricas Médias Mensais".

Nele observamos que, de uma forma geral, nas zonas cafeeiras do Estado de São Paulo, mês por mês, aquele em que mais chove é o de dezembro. Em segundo lugar está o de janeiro. Em terceiro lugar está o de novembro e assim por diante em uma alternativa quasi perfeita entre os primeiros e os últimos meses do ano vamos até o de julho que fica em 12.° e último lugar.

Embora já esteja a ponta do véu começando a ser levantada, ainda poderá perguntar o leitor : mas, que tem que ver . . . a pluviometria com os embarques de café? Pois tem muito o que ver uma coisa com outra, como passamos a expor :

Há anos atrás os embarques de café eram permitidos a partir de 1.º de julho até 30 de maio do ano seguinte. A solução de continuidade nos embarques de café entre os de uma safra e os de outra era de apenas um mês. Nestes últimos anos foram estas as datas exatas :

Os despachos da safra 1938/39 tiveram início em 10 de junho de 1938 (art. 53 da Resolução n.º 387 de 19 de maio de 1938).

Os despachos da safra 1939/40 tiveram início em 1.º de julho de 1939 (art. 65 da Resolução n.º 412 de 20 de maio de 1939).

Os despachos da safra 1940/41 tiveram início em 1.º de agosto de 1940 (art. 79 da Resolução n.º 432 de 17 de julho de 1940).

Os despachos da safra 1941/42 tiveram início em 1.º de agosto de 1941 (art. 68 da Resolução n.º 453 de 7 de julho de 1941).

Os despachos da safra 1942/43 tiveram início em 15 de dezembro de 1942 (art. 64 da Resolução n.º 479 de 30 de Novembro de 1942).

Há anos atrás os embarques eram iniciados na época do ano em que temos menos chuvas. Nesta safra os embarques só foram abertos no mês em que temos mais chuvas em São Paulo.

Entendemos que as associações agrícolas devem quanto antes iniciar um trabalho para pleitear que no corrente ano e nos vindouros não seja a abertura dos embarques protelada até o mês menos favoravel dentre todos os do ano para o transporte do café nas fazendas para as estações ferroviárias.

A luta dos carretos, a tragédia dos carretos concorrerá poderosamente como mais um elemento de desânimo para os cafeicultores.

Devido à escassêz da gasolina os carretos, na sua maioria, teem de ser feitos com carroças. Até carros de boi emergirão da noite do passado, dos porões de paióis ou de ranchões para a luz do dia, do trabalho, do tráfego !

Será para desorientar, para desanimar o exame feito no horizonte para ser decidida, de madrugada, a saida das carroças para a viagem de duas, de três ou mais léguas levando o café para a estação.

Os encerados estão por um preço inacessivel para os fazendeiros de café. E . . . se chover ? E, se não houver lugar no Armazem da Estrada ? O café terá de ser empilhado nas plataformas. Não precisamos dizer quais serão as consequências.

Na época das chuvas as estradas ficam em lastimavel estado e, muitas vezes, os retoques e consertos são até contraproducentes.

As estradas de ferro ficarão sobrecarregadas de cargas tendo de fazer alem do de cereais e de toda a sorte de mercadorias, o transporte do café dentro do prazo fatal de poucos meses.

* * *

Em 1909/10 produzíamos e exportávamos 80,13% do consumo mundial do café dessa mercadoria que é o sangue no sistema circulatório de nossa riqueza. Essa porcentagem vem baixando impressionantemente. Hoje exportamos muitas outras mercadorias, é verdade. Mas, quem nos dera que a queda dessa porcentagem citada viesse sendo lenta em vez de ser assustadoramente vertical !

* * *

Conclusão : Deus permita que neste ano e nos vindouros possa começar a ser embarcado o café paulista no mês de julho (o menos chuvoso de todos) e não em dezembro (o mais chuvoso de todos).

O PROCESSO ADOTADO PELOS TÉCNICOS DA SECRETARIA DA AGRICULTURA NO COMBATE À EROSÃO NAS CULTURAS PERMANENTES

* * *

Estabelecimento de "Valetas em Contorno" nos Terrenos Inclinados — A Sua Localização — Um Instrumento Idealizado pela Seção de Engenharia

A Secretaria da Agricultura, por intermédio de seus serviços especializados, continua a dispensar ao problema de combate à erosão a atenção que ele realmente merece. Presentemente, a Seção de Combate á Erosão, Irrigação e Drenagem, do Departamento da Produção Vegetal, está realizando interessantes experiências e trabalhos relativamente ao combate do fenômeno nos cafezais e em outras culturas perenes.

Com efeito, embora a erosão não se apresente nessas lavouras com as mesmas características de intensidade com que se manifesta nas culturas de ciclo anual, ainda assim ela acarreta consideraveis prejuizos.

A erosão das culturas perenes e, principalmente, a que assola os nossos milhões de cafeeiros distribuidos em terras de climas os mais diversos, denomina-se "superficial" ou "laminada", e suas consequências são acentuadamente funestas do ponto de vista do arrastamento da fertilidade do solo. Trata-se, realmente de uma modalidade de erosão que abrange grandes áreas e pequenas profundidades, com espessura mais ou menos uniforme. Assim sendo, o lavrador incauto não se apercebe desde logo que está perdendo seu solo e só compreenderá o seu prejuizo depois de alguns anos, ao constatar que as raizes de seus cafeeiros emergem à superfície do terreno. A erosão "laminada" constitue pois, uma forma insidiosa que rouba sorrateiramente ao lavrador, no decorrer dos anos, aquilo que constitue a base de sua estabilidade econômica : o solo fertil.

Existe em São Paulo exemplos de regiões essencialmente cafeeiras, que outrora florescentes e ricas, estão hoje reduzidas à esterilidade em virtude da ação das enxurradas na lavagem do solo. Assim acontece no vale do Paraiba, onde o efeito da erosão destruiu os cafezais ; assim vem acontecendo em muitas outras regiões cafeeiras do Estado, nos quais já se notam extensas faixas de falha na lavoura, às quais o povo denomina "pelada".

Urge, portanto, uma ação mais objetiva e enérgica contra o fenômeno, afim de que os nossos cafeicultores, que formam a medula da lavoura paulista, possam ficar relativamente a coberto dos elevados prejuizos decorrentes da erosão.

Pensando devidamente tal situação, a Seção de Combate à Erosão, Irrigação e Drenagem, do Departamento da Produção Vegetal, da Secretaria da Agricultura, estudou pormenorizadamente o problema e chegou à conclusão de que o estabelecimento das "VALETAS EM CONTORNO" nos terrenos inclinados, pode atender e mesmo iliminar os graves efeitos da erosão.

Surgiu, porem, uma dificuldade para o caso particular de cafezal e de outras culturas permanentes de grande desenvolvimento. É o caso da localização das valetas, serviço que não podia ser executado economicamente pelo progresso empregado para os campos descobertos, sem nenhuma plantação.

Tal dificuldade foi porem vencida pela aplicação do princípio dos vasos comunicantes, em nivel idealizado pela Sub-Divisão de Engenharia Rural, da Divisão de Experimentação e Pesquisas, do mesmo departamento.

Esse instrumento compõe-se de duas hastes de madeira ,de ação retangular (3,5 cms. a 5 cms.) e com o comprimento aproximado de 1,5 mts. Cada uma das hastes tem uma ranhura de 1,5 mts. x 1,5 cms. de seção, partindo da extremidade superior, num comprimento aproximado de 1 metro. Nestas ranhuras são colocados dois tubos de vidro de cerca de 1/2 polegada de espessura e 1 metro de comprimento. Os dois tubos de vidro teem as duas extremidades abertas e estão ligados entre si, por um tubo de borracha bem atado às suas extremidades inferiores. Tem-se usado esse aparelho, com tubos de borracha de 8 a 6 mts. de comprimento. Apenas, cerca da metade superior de cada tubo de vidro (50 a 60cms.) fica exposta e tem, lateralmente, sobre a haste de madeira, uma escala em cms. O restante do tubo, fica encoberto por um tempo determinado. Afim de graduar o nivel para estabelecer diferença de cota entre dois pontos por ele nivelados, faz-se em cada haste, um traço de referência junto à escala em cms. de cada tubo, conservando a diferenciada altura desejada entre as distâncias do pé da haste de madeira ao prato de referência. Colocam-se os dois tubos juntos, verticalmente, de maneira que os traços de referência executados, se correspondam. Despeja-se água no seu interior, tendo o cuidado de expelir todo o ar do tubo de borracha. Continua-se a por água, até que o nível do liquido coincida com os traços de referência. Tem-se assim, o nivel graduado para um determinado desnivel, dentro da distância permitida pelo tubo de borracha. Afim de diminuir os inconvenientes da elasticidade da borracha, coloca-se uma cordinha limitando o afastamento entre as duas hastes de madeira a 7,5 ou 5 metros.

Com o nivel graduado desta forma, torna-se facil a demarcação das valetas dentro do cafezal, podendo-se partir de um mesmo ponto, em um pequeno desnivel ascendente ou descendente. Para isto basta fazer seguir, na frente, a haste em que o traço de referência foi feito mais em baixo — a qual nos dá o ponto mais alto — ou então, fazer seguir na frente, a haste que tem o traço de referência colocado mais acima — o qual nos dá o ponto mais baixo.

Após estaqueado o terreno, cada alinhamento é riscado com quatro passadas, por um pequeno arado, preferivelmente reversivel, afim de fazer todo o tombamento da terra para baixo.

Uma turma de operários com enxada, retira do sulco aberto a terra revolvida, puxando-a para baixo, formando um cordão. Novamente, passa-se o arado mais quatro vezes pelo sulco, afim de torná-lo mais profundo.

Os operários tornam a retirar a terra do sulco e completam o serviço, deixando as valetas com cerca de 20 cms. de escavação, 60 cms. de largura no fundo e bordos bastante inclinados. A terra retirada para o lado inferior, é depositada em um cordão largo, com cerca de 20 cms. de altura, o que proporciona 40 cms. de diferença entre o fundo da valeta e o bordo superior do cordão. Desta ponta ao bordo oposto da valeta a largura varia de 1,30 a 1,80 mts. Vários trabalhos já foram executados pela Seção de Combate à Erosão, Irrigação e Drenagem, principalmente, no município de Campinas. O custo do serviço pode oscilar de Cr. $ 30,00 a Cr. $ 50,00 por 1.000 pés.

Os lavradores que desejarem aplicar em seus cafezais esse sistema de combate à erosão, poderão obter a orientação e a assitência de que necessitarem na Seção de Combate á Erosão, Irrigação e Drenagem, do Departamento da Produção Vegetal, à rua 15 de Novembro N.º 244.

Da Folha da Manhã, de 12-3-43.

REGULAMENTO PARA COMPRA DE CAFÉ PELA "COMMODITY CREDIT CORPORATION", EM VIRTUDE DO ACORDO ASSINADO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE, EM 3 DE OUTUBRO DE 1942

Em conformidade com os termos do acordo de café de 3 de outubro de 1942, assinado pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos da América do Norte, a "Commodity Credit Corporation" comprará uma quantidade de cafés equivalente à parte da quota de 1941/42 não embarcada até 30 de setembro de 1942 sob as seguintes condições.

1) Em datas a serem fixadas pela "Commodity Credit Corporation", todas as ofertas por escrito que deverão ser endereçadas à Avenida Rio Branco, 311, Rio de Janeiro, serão tomadas em consideração e as mais favoraveis serão destacadas para compra. A "Commodity Credit Corporation" comprará somente de exportadores de café acreditados na base liquida f. v. b. (vapor) ensacado em sacária de juta nova oficial, contendo cada saca 132 lbs. de peso liquido. A compra mínima será de 1.000 sacas. e a entrega de cada 1.000 sacas não deverá exceder a quatro (4) amostras.

2) A qualidade e quantidade total a ser comprada de cada vez, será determinada pela "Commodity Credit Corporation", a qual avisará aos exportadores, por intermédio de suas associações de classe. As compras serão feitas de conformidade com o "standard" de classificação da Bolsa de Café de Nova York. Em caso algum poderá ser entregue café de tipo e qualidade inferior especificado na compra e nenhum prêmio adicional será pago pela entrega de cafés de melhor tipo ou qualidade.

3) Se a qualidade de café oferecido em condições aceitaveis exceder ao total a ser comprado em determinada época, a "Commodity Credit Corporation" distribuirá proporcionalmente as compras entre os exportadores a seu critério .Todas as ofertas serão na base de entrega dentro de um período que não exceda a 30 dias da data de compra.

4) No caso do café ser embarcado de maneira usual, os exportadores sacarão 10% do valor da fatura, juntando os documentos comerciais necessários. O reembolso será efetúado por meio de saques a 90 dias de vista e o exportador será responsavel pela entrega do tipo e qualidade do café vendido, até que seja verificado nos Estados Unidos da América do Norte.

5) Se não houver praça para embarque, a "Commodity Credit Corporation" aceitará a entrega de café em armazens licenciados, os quais serão indicados pela "Comodity Credit Corporation". Essa entrega será efetuada nas seguintes condições :

a) — O exportador entregará o café á "Commodity Credit Corporation" devidamente sacado e marcado como para exportação e fornecerá por sua conta armazenagem e seguro comprovado por apólices ou certificados à ordem da "Commodity Credit Corporation", em Companhias aprovadas pela mesma por um período de 90 dias da data da entrega.

b) — Após a "Commodity Credit Corporation" ter verificado que a entrega foi feita de acordo com os termos da compra, autorizará o exportador a sacar o valor total da fatura, menos a importância aproximada das despesas incidentes da clausula f. o. b. da venda, despesas estas que serão fixadas pela "Commodity Credit Corporation",

Os documetos necessários serão : o warrant e o conhecimento de depósito quando depositados em Armazens Gerais e recibos de depósito satisfatórios à "Commodity Credit Corporation", quando em outros armazens, fatura comercial e 5 cópias e o documento de seguro. O reembolso será feito por saques a 90 dias de vista.

c) — O Exportador se obriga a embarcar o café quando avisado pela "Coomodity Credit Corporation", bem como a preparar todos os documentos necessários para este fim. O saldo devido ao exportador, como estipulado na clausula b) acima referida ,será então reembolsado por saque à vista contra a "Commodity Credit Corporation" em Nova York, mediante a apresentação de todos os documentos necessários. Todas as despesas incidentes com a colocação do café a bordo do navio serão por conta do exportador.

d) — Na hipótese de revenda do café no Brasil, será feita a dedução definitiva das despesas f. o. b. a bordo e qualquer saldo a favor do exportador será creditado à sua conta.

6) — Todas as faturas deverão conter a declaração de que nenhuma firma ou pessoa incluida na "lista negra" em vigor tem ou teve qualquer participação direta, nas mercadorias constantes da fatura.

7) As compras feitas pela "Commodity Credit Corporation" receberão um número de referência que deverá constar em todos os documentos e amostras relativos às mesmas.

8) O não cumprimento das condições aqui estipuladas, ou dos termos da compra, será causa suficiente para a "Commodity Credit Corporation" anular a respectiva compra.

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1943.

EM TEMPO :

Os saques deverão ser acompanhados de 3 vias da fatura comercial contendo a seguinte declaração :

"I hereby certify th's invoice to be true and corret and that payment therreof has not been previously received".)

Estatística

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos

Safra 1942/43

ESTRADAS	ATÉ 31 DE DEZEMBRO			1.ª QUINZ. DE JANEIRO			2.ª QUINZ. DE JANEIRO			TOTAL		
	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL
S. Paulo Railway	3.478	385.788	389.266	1.474	214.902	216.376	712	97.822	98.534	5.664	698.512	704.176
E. F. Sorocabana	53.911	445.541	499.452	12.792	109.231	122.023	12.601	101.304	113.905	79.304	656.076	735.380
Cia. Paulista	54.930	819.044	873.974	10.805	235.959	246.764	10.586	160.967	171.553	76.321	1.215.970	1.292.291
Cia. Mogiana	17.101	282.492	299.593	5.591	116.917	122.508	4.090	101.617	105.707	26.782	501.026	527.808
E. F. Araraquara	14.475	339.597	354.072	5.472	253.486	258.958	4.547	144.370	148.917	24.494	237.453	761.947
E. F. Dourado	6.838	77.967	84.805	1.522	18.207	19.729	1.668	18.315	19.983	10.028	114.489	124.517
E. F. S. Paulo Goiaz	11.482	151.533	163.015	1.638	30.463	32.101	1.655	17.408	19.063	14.775	199.404	214.179
Cia. M. Monte Alto	867	8.199	9.066	134	1.470	1.604	105	945	1.050	1.106	10.614	11.720
E. F. Noroeste do Brasil	79.609	560.052	639.661	20.142	150.626	170.768	12.260	102.718	114.978	112.011	813.396	925.407
E. F. Itatibense	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Cia. Campineira	—	—	—	28	282	310	—	—	—	28	282	310
E. F. S. Paulo e Minas	—	13.075	13.075	92	7.346	7.438	147	2.990	3.137	239	23.411	23.650
E. F. Jaboticabal	—	1.593	1.593	—	504	504	—	—	—	—	2.097	2.097
E. F. Barra Bonita	19	171	190	—	—	—	188	1.202	1.390	207	1.373	1.580
E. F. Morro Agudo	—	—	—	—	—	—	—	400	400	—	400	400
E. F. Central do Brasil	—	—	—	30	270	300	—	—	—	30	270	300
Total	242.710	3.085.052	3.327.762	59.720	1.139.663	1.199.383	48.559	750.058	798.617	350.989	4.974.773	5.325.762

NOTA: Alem dos despachos acima mencionados foram despachadas, "Fóra de Série", 102.759 scs. de 1.º de julho a 30 de novembro de 1942.
De 1.º de junho a 30 de novembro de 1942, foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Res. 467).

Café Paulista recebido a despacho com destino ao Rio de Janeiro

SAFRA 1942/43

	QUOTAS DE MERCADO				TOTAL GERAL
	ATÉ 31 DE DEZEMBRO	1.ª QUINZENA DE JANEIRO	2.ª QUINZENA DE JANEIRO	TOTAL	
E. F. Sorocabana	950	1.002	1.620	2.622	3.572
Cia. Paulista	19.086	2.014	8.505	10.519	29.605
Cia. Mogiana	33.090	15.675	14.036	29.711	62.801
E. F. Araraquara	26.614	1.019	—	1.019	27.633
E. F. Dourado	1.995	—	—	—	1.995
E. F. S. Paulo Goiaz	23.066	63	689	752	23.818
E. F. Noroeste do Brasil	4.950	—	—	—	4.950
E. F. Central do Brasil	41.545	17.248	4.257	21.505	63.050
Total	**151.296**	**37.021**	**29.107**	**66.128**	**217.424**

NOTA: Alem dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fóra de Série" 4.685 sacas de 1.º de julho a 30 de novembro de 1942.

Café Paulista recebido a despacho com destino a Angra dos Reis

SAFRA 1942/43

ESTRADAS	QUOTAS DE MERCADO				TOTAL GERAL
	ATÉ 31 DE DEZEMBRO	1.ª QUINZENA DE JANEIRO	2.ª QUINZENA DE JANEIRO	TOTAL	
Cia. Paulista	—	4.021	—	4.021	4.021
Cia. Mogiana	10.870	6.079	1.568	7.647	18.517
Total	**10.870**	**10.100**	**1.568**	**11.668**	**22.538**

NOTA: Do mês de julho a 30 de novembro foram despachadas 923 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Res. 467)

ARMAZENS RECEBEDORES

SAFRA 1942/43

ARMAZENS	ATÉ 31 DE DEZEMBRO	1.ª QUINZENA DE JANEIRO	2.ª QUINZENA DE JANEIRO	TOTAL
Baurú — 2	2.662	517	848	4.027
Biriguí	9.564	1.748	1.640	12.952
Catanduva	9.864	2.938	2.619	15.421
Chavantes — 2	7.237	341	636	8.214
Garça — 1	3.778	3.399	3.682	10.859
Garça 3	15.874	3.937	—	19.811
Guarantan 1	2.398	1.358	1.549	5.305
Guarantan 2	7.004	—	—	7.004
Ipiranga — 3	1.394	562	159	2.115
Itápolis	3.578	239	162	3.979
Jaú — 2	8.537	1.917	2.303	12.757
Marília	10.815	923	293	12.031
Mirassol	11.301	3.904	2.307	17.512
Olímpia — 1	9.191	880	534	10.605
Presidente Prudente	6.074	1.205	1.557	8.836
Promissão — 1	12.029	336	881	13.246
Rio Preto — 1	9.471	4.445	3.139	17.055
Vera Cruz	11.205	1.021	276	12.502
Total	**141.976**	**29.670**	**22.585**	**194.231**

Café Paulista entrado em Santos

Safra por Estrada de procedência

JANEIRO DE 1943

ESTRADA DE FERRO	1941/42	1942/43	TOTAL
São Paulo Railway	24.970	15.572	40.542
Sorocabana	11.677	23.583	35.260
Paulista	36.251	3.877	40.128
Mogiana	17.620	2.455	20.075
Araraquara	26.612	968	27.580
Dourado	537	6.233	6.770
São Paulo-Goiaz	10.372	868	11.240
Noroeste do Brasil	25.449	—	25.449
Total	**153.488**	**53.556**	**207.044**

Resumo do Café entrado no Rio de Janeiro

JANEIRO DE 1943

POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO A DEZEMBRO	MÊS DE JANEIROS	TOTAL
São Paulo	181.906	24.420	206.326
Minas Gerais	433.597	74.234	507.831
Rio de Janeiro	123.706	26.074	149.780
Espírito Santo	170.347	23.876	194.223
Total	**909.556**	**148.604**	**1.058.160**

CAFE' PAULISTA (Preferencial) ENTRADO EM SANTOS

JANEIRO DE 1943

MÊS DE DESPACHO POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

ESTRADAS DE FERRO	OUTUBRO 1941	NOVEMBRO 1941	NOVEMBRO 1942	DEZEMBRO 1942	TOTAL
PREFERENCIAL — SAFRA 1941/42					
São Paulo Railway	—	2.892	—	—	2.892
Sorocabana	—	156	—	—	156
Paulista	212	17.600	—	—	17.812
Mogiana	1.188	13.846	—	—	15.034
Araraquara	—	12.916	—	—	12.916
Dourado	—	433	—	—	433
São Paulo-Goiaz	—	8.187	—	—	8.187
Noroeste do Brasil	—	9.241	—	—	9.241
Total	1.400	65.271	—	—	66.671
PREFERENCIAL ESPECIAL — SAFRA 1941/42					
Paulista	—	366	—	—	366
Araraquara	—	85	—	—	85
Total	—	451	—	—	451
PREFERENCIAL DESPOLPADO — SAFRA 1942/43 (Res. 467)					
São Paulo Railway	—	—	165	212	377
Sorocabana	—	—	390	2.790	3.180
Mogiana	—	—	—	277	277
Total	—	—	555	3.279	3.834
Total geral	1.400	65.722	555	3.279	70.956

Café entrado em Santos

JANEIRO DE 1943

SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

ESTRADAS DE FERRO	MINEIRO		TOTAL	PARANAENSE		TOTAL	TOTAL GERAL
	1940/41	1941/42		1940/41	1941/42		
Sorocabana	—	—	—	900	—	900	900
Mogiana	20.128	4.456	24.584	—	—	—	24.584
Rêde Mineira de Viação	7.264	2.586	9.850	—	—	—	9.850
São Paulo-Paraná	—	—	—	3.677	5.706	9.383	9.383
Total	27.392	7.042	34.434	4.577	5.706	10.283	44.717

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro

JANEIRO DE 1943

SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

ESTRADAS DE FERRO	1941/42	1942/43	TOTAL
Sorocabana	—	500	500
Paulista	298	6.231	6.529
Mogiana	42	500	542
Araraquara	58	1.483	1.541
Dourado	—	1.016	1.016
São Paulo-Goiaz	—	1.119	1.119
Central do Brasil	28	13.144	13.172
Total	426	23.993	24.419

Movimento da Safra 1941/42

Destino Santos — Sacas de 60 quilos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1943)

SÉRIES	DESPACHADAS	CONVERTIDAS	DIRETA ESPECIAL	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
1-D-41	77.198	—	102.355	179.553	179.553	—	—
2-D-41	96.329	—	576.365	672.694	672.694	—	—
3-D-41	65.657	—	434.635	500.292	500.292	—	—
4-D-41	77.854	—	237.036	314.890	237.951	—	76.939
5-D-41	56.730	—	128.867	185.597	—	—	185.597
6-D-41	69.012	—	102.088	171.100	—	—	171.100
7-D-41	39.610	—	37.568	77.178	—	—	77.178
8-D-41	50.041	—	34.060	84.101	—	399	83.702
9-D-41	41.199	—	69.396	110.595	—	309	110.286
10-D-41	46.890	—	52.964	99.854	—	420	99.434
11-D-41	17.211	—	4.341	21.552	—	—	21.552
12-D-41	21.451	—	21.540	42.991	—	—	42.991
13-D-41	13.350	—	14.786	28.136	—	182	27.954
14-D-41	12.652	—	3.128	15.780	—	—	15.780
15-D-41	8.725	—	14.753	23.378	—	—	23.378
16-D-41	22.397	—	11.091	33.488	—	—	33.488
Total	716.306	—	1.844.873	2.561.179	1.590.490	1.310	969.379
16-R-41	89.800	5.474	—	95.274	—	—	95.274
15-R-41	111.963	5.062	—	117.025	—	—	117.025
14-R-41	76.261	1.228	—	77.489	—	—	77.489
13-R-41	90.246	3.059	—	93.305	—	—	93.305
12-R-41	65.711	647	—	66.358	—	—	66.358
11-R-41	79.682	1.768	—	81.450	55	—	81.395
10-R-41	45.790	1.889	—	47.679	—	—	47.679
9-R-41	57.768	860	—	58.628	—	460	58.168
8-R-41	47.725	1.009	—	48.734	—	358	48.376
7-R-41	54.331	443	—	54.774	—	140	54.634
6-R-41	19.909	301	—	20.210	—	—	20.210
5-R-41	24.776	887	—	25.663	—	—	25.663
4-R-41	15.440	1.492	—	16.932	—	212	16.720
3-R-41	14.622	99	—	14.721	—	—	14.721
2-R-41	10.079	340	—	10.419	—	—	10.419
1-R-41	25.418	39	—	25.457	—	—	25.457
Total	829.521	24.597	—	854.118	55	1.170	852.893
Preferencial 41	2.369.967	252.291	—	2.622.258	2.008.100	1.740	612.418
Pref. Esp......	39.947	—	—	39.947	38.410	—	1.537
Despolpado	39.533	—	—	39.533	39.533	—	—
Total	3.995.274	276.888	1.844.873	6.117.035	3.676.588	4.220	2.436.227

Movimento da Safra 1942/43

Destinos Santos — Sacas de 60 quilos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1943)

SÉRIES	DESPA-CHADAS	CONVER-TIDAS	TOTAL	LIBERA-DAS	A LIBERAR
1 - D - 42	114.626	—	114.626	49.233	65.304
2 - D - 42	1.567.498	—	1.567.498	—	1.567.498
3 - D - 42	627.808	—	627.808	—	627.808
4 - D - 42	411.127	—	411.127	—	411.127
Total	**2.721.059**	—	**2.721.059**	**49.322**	**2.671.737**
10 - R - 42	91.701	935	92.636	—	92.636
9 - R - 42	1.254.191	4.308	1.258.499	—	1.258.499
8 - R - 42	502.247	183	502.430	—	502.430
7 - R - 42	328.882	—	328.882	—	328.882
Total	**2.177.021**	**5.426**	**2.182.447**	—	**2.182.447**
Preferencial Despolpado	34.320	—	34.320	29.603	4.717
Total geral	**4.932.400**	**5.426**	**4.937.826**	**78.925**	**4.858.901**

Nota : — Do mês de junho a 30 de novembro foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Resolução 467).

Resumo do Café entrado em Santos

JANEIRO DE 1943

SAFRA	JULHO E NOVEMBRO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANA-ENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1938/39	150	—	—	—	—	—	150
1939/40	3.355	—	—	—	—	—	3.355
1940/41	130.518	—	27.392	—	4.577	31.969	162.487
1941/42	1.772.480	153.488	7.050	—	5.706	166.244	1.938.724
1942/43	80.982	53.556	—	—	—	53.556	134.538
Total	**1.987.485**	**207.044**	**34.442**	—	**10.283**	**251.769**	**2.239.254**
Mesmo período ano anterior	**2.336.577**	**623.079**	**44.202**	**3.336**	**10.373**	**680.990**	**3.017.567**

CAFE' EMBARCADO PELOS PRINCIPAIS PORTOS DO BRASIL

POR PAÍS DE DESTINO — Safra 1942/43

PAISES	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO								TOTAL GERAL	MESMO PERÍODO S/ANTERIOR
		SANTOS	RIO	VITÓRIA	PARANAGUÁ	BAÍA	PERNAMBUCO	ANGRA DOS REIS	TOTAL DO MÊS		
AMÉRICAS:											
Estados Unidos	2.170.413	215.749	76.368	—	—	—	—	42.226	334.343	2.504.756	4.727.401
Argentina	248.093	2.159	6.850	—	1.627	—	—	—	10.636	258.729	165.503
Chile	94.834	600	2.808	—	—	—	—	—	3.408	98.242	35.039
Paraguai	1.240	—	—	—	—	—	—	—	—	1.240	400
Uruguai	29.000	1.050	300	—	—	—	—	—	1.350	30.350	17.530
Canadá	600	—	—	—	—	—	—	—	—	600	1.981
Panamá	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1.145
Guiana Francesa	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	550
Diversos	7.340	—	—	—	—	—	—	—	—	7.340	—
Curaçao	85	—	—	—	—	—	—	—	—	85	—
Total	2.551.605	219.558	86.326	—	1.627	—	—	42.226	349.737	2.901.342	4.949.549
EUROPA:											
Islândia	9.750	—	—	—	—	—	—	—	—	9.750	6.475
Portugal	8.446	—	—	—	—	—	—	—	—	8.446	2.183
Suécia	71.585	41.981	—	—	—	—	—	—	41.981	113.566	52.220
Suiça	57.799	—	—	—	—	—	—	—	—	57.799	2.250
Gibraltar	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2.750
Espanha	52.514	—	50.000	—	—	—	—	—	50.000	102.514	48.642
Inglaterra	300	—	—	—	—	—	—	—	—	300	9
Total	200.394	41.981	50.000	—	—	—	—	—	91.981	292.375	114.529
ÁSIA:											
Japão	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	132
Iraque	8.300	—	—	—	—	—	—	—	—	8.300	—
Total	8.300	—	—	—	—	—	—	—	—	8.300	132
ÁFRICA:											
Marrocos	1.533	—	—	—	—	—	—	—	—	1.533	1.832
Moçambique	500	—	—	—	—	—	—	—	—	500	750
Sudoeste Africano	200	—	—	—	—	—	—	—	—	200	1.325
União Sul Africana	35.423	—	14.335	—	—	—	—	—	14.335	49.758	68.443
Ilhas das Canárias	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3.333
Total	37.656	—	14.335	—	—	—	—	—	14.335	51.991	75.683
Diversos	—	—	—	—	—	—	9.696	—	9.696	9.696	—
Consumo de bordo	649	125	—	—	—	—	—	—	125	774	1.172
Total Exterior	2.798.604	261.664	150.661	—	1.627	—	9.696	42.226	465.874	3.264.478	5.141.065
Cabotagem	135.573	1.130	15.178	—	981	—	2.145	—	19.434	155.007	270.100
Total geral	2.934.177	262.794	165.839	—	2.608	—	11.841	42.226	485.308	3.419.485	5.411.165

MOVIMENTO DE CAFE' EM SANTOS - SAFRA 1942/43

MESES	ENTRADAS							DESPACHOS	EMBARQUES	Revertido ao estoque pelo DNC.	De troca retirado do estoque pelo DNC.	De troca revertido ao estoque pelo DNC.	Retirado do estoque pelo DNC.	Retirado do estoque pelo DNC. Serviço de propaganda	EXISTÊNCIA
	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL	PARA O DNC.	TOTAL GERAL								
Julho	155.401	19.477	1.324	9.920	186.122	—	186.122	354.776	294.775	30.640	10.034	—	—	—	1.137.748
Agosto	141.535	12.280	1.195	3.756	158.766	7.740	166.506	163.128	123.897	4.365	5.207	—	—	—	1.179.515
Setembro	473.139	35.920	2.528	14.084	525.671	24.817	550.488	315.069	383.661	18.368	1.545	3.201	—	—	1.366.366
Outubro	461.648	66.120	2.132	11.123	541.023	10.182	551.205	471.112	513.579	29.363	500	13.142	8.296	42.739	1.394.962
Novembro	258.343	14.784	—	12.119	285.246	—	285.246	158.176	136.447	784	—	—	4.171	—	1.540.374
Dezembro	224.355	12.178	—	11.385	247.918	—	247.918	287.415	202.696	8.445	—	—	4.270	—	1.589.771
Janeiro	207.044	34.442	—	10.283	251.769	—	251.769	177.246	262.667	12.700	—	—	6.835	—	1.584.738
Total	**1.921.465**	**195.201**	**7.179**	**72.670**	**2.196.515**	**42.739**	**2.239.254**	**1.926.922**	**1.917.722**	**104.665**	**17.286**	**16.343**	**23.572**	**42.739**	—

MOVIMENTO DE CAFE' NO RIO DE JANEIRO - SAFRA 1942/43

MESES	ENTRADAS					MOVIMENTO											
	SÃO PAULO	M. GERAIS	R. JANEIRO	ESP. SANTO	TOTAL	EMBARQUES	Café entregue pelo DNC. bonificação África do Sul	Retirado do mercado de troca	Café entregue pelo D.N.C. "doado"	Café entregue pelo DNC. bonificação "Chile"	EXISTÊNCIA	CONSUMO	Café entregue pelo DNC. revertido ao mercado	Verificado a mais no estoque	Entregue pelo DNC. vítimas da guerra Polônia	Entregue pelo DNC. vítimas da guerra França	Entregue pelo DNC. seguro de guerra
Julho	52.994	65.052	33.642	30.023	181.711	147.825	175	11.398	25	4.525	410.548	19.200	2.139	5.153	300	—	—
Agosto	28.873	34.451	12.926	6.849	83.099	116.459	—	7.194	915	9.545	367.892	18.600	5.738	—	—	300	—
Setembro	15.609	83.261	48.196	29.285	176.351	124.458	—	6.123	3.928	8.642	411.635	18.000	3.403	—	—	—	—
Outubro	25.425	83.044	21.415	19.726	149.611	192.263	—	6.247	4.397	4.225	357.192	18.600	4.434	—	—	—	—
Novembro	25.935	85.677	3.103	51.890	166.605	195.848	—	3.230	645	1.866	328.992	18.000	19.762	—	—	—	—
Dezembro	33.070	82.112	4.423	32.574	152.179	182.561	—	—	5.750	520	301.140	18.600	12.486	—	—	—	—
Janeiro	24.420	74.234	26.074	23.876	148.604	165.689	—	—	965	803	275.418	18.000	7.569	—	—	—	2.374 26
Total	**206.326**	**507.831**	**149.779**	**194.223**	**1.058.160**	**1.125.103**	**175**	**34.192**	**16.625**	**30.126**	—	**129.000**	**55.531**	**5.153**	**300**	**300**	**2.400**

Café embarcado pelo Porto de Santos

POR PAISES DE DESTINO — Safra 1942/43

DESTINO	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1940/41
AMÉRICAS:				
Estados Unidos	1.440.422	215.749	1.656.171	3.385.860
Argentina	55.685	2.159	57.844	37.205
Uruguai	6.250	1.050	7.300	780
Canadá	600	—	600	1.981
Panamá	—	—	—	1.145
Paraguai	540	—	540	—
Chile	650	600	1.250	—
Total das Américas	**1.504.147**	**219.558**	**1.723.705**	**3.426.971**
EUROPA:				
Portugal	8.446	—	8.446	900
Suécia	71.585	41.981	113.566	52.220
Suiça	53.532	—	53.532	500
Espanha	—	—	—	48.602
Total da Europa :	**133.563**	**41.981**	**175.544**	**102.222**
ÁSIA:				
Japão	—	—	—	132
Total da Ásia :	—	—	—	**132**
ÁFRICA:				
Marrocos	200	—	200	—
Total da África :	**200**	—	**200**	—
Consumo de bordo	689	125	814	1.172
Total do Exterior	1.638.599	261.664	1.900.263	3.530.497
CABOTAGEM				
Rio Grande do Sul	4.487	680	5.167	14.612
Rio de Janeiro	1.002	—	1.002	15
Pará	10.800	450	11.250	1.300
Ceará	107	—	107	—
Baía	—	—	—	1
Sergipe	—	—	—	12
Total da Cabotagem	**16.396**	**1.130**	**17.526**	**15.940**
Total geral	1.654.995	262.794	1.917.789	3.546.437

Café embarcado pelo porto de Santos

POR EXPORTADORES — Safra 1942/43

EXPORTADORES	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA
A. Sion & Cia.	755	—	755
Almeida Prado & Cia.	106.499	35.700	142.199
Alves Ribeiro & Cia. Ltda.	9.955	1.992	11.947
American Coffee Corporation	222.151	37.302	259.453
B. Gonçalves & Cia.	22.056	591	22.647
Barros Camargo & Cia.	2.570	1.000	3.570
Barros Melo & Cia.	3.891	2.000	5.891
Cooperativa Central Café Paulista	5.550	—	5.550
Caio Guimarães & Cia.	24.677	4.875	29.552
Camargo Pacheco & Cia.	6.000	—	6.000
Cia. Brasileira de Café	30.316	2.870	33.186
Cia. Leme Ferreira Exportação	52.786	3.150	55.936
Soc. Paulista de Exportação Ltda.	70.652	3.000	73.652
Cia. Prado Chaves Exportação	51.553	2.600	54.153
Casa Export. Naumann Gepp Ltda.	99.528	11.905	111.433
E. Johnston & Cia. Ltda.	54.575	10.275	64.850
Exportadora Café Brasil	2.392	875	3.267
Ferreira da Silva & Cia.	7.000	1.800	8.800
Franco Soares & Cia.	6.270	—	6.270
G. Fernandes & Cia.	6.495	1.225	7.720
Gabriel de Paula & Cia.	6.994	1.125	8.119
H. La Domus & Cia. Ltda.	144.646	30.325	174.971
Hard Rand & Cia.	79.290	35.476	114.766
Hermann Gaik & Cia.	6.800	2.125	8.925
J. G. Martins & Cia. Ltda.	9.652	1.375	11.027
Junqueira Meireles & Cia.	40.050	2.750	42.800
Lima Nogueira & Cia.	52.280	2.867	55.147
Luiz Ferreira & Cia.	20.175	1.250	21.425
Leite Barreiros & Cia. Ltda.	1.253	—	1.253
Mac. Laughlin & Cia.	1.800	—	1.800
Melão Nogueira & Cia.	24.297	3.250	27.547
M. E. Rowland & Cia.	26.250	4.410	30.660
Melo Mourão & Cia.	2.216	1.625	3.841
Naumann Gepp & Cia. Ltda.	15.343	1.500	16.843
Nioac & Cia. Ltda.	25.350	3.050	28.400
Karnebley Assunção & Cia. Ltda.	9.445	1.375	10.820
Ramos Silva & Cia.	7.981	558	8.539
Raphael Sampaio	7.500	625	8.125
Ray Deininger & Cia.	89.821	11.385	101.206
Sampaio Bueno & Cia.	52.800	3.900	56.700
S/A Levi Comissária e Exp. de Café	12.957	2.050	15.007

(Continua)

(Continuação)

EXPORTADORES	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA
S/A Marques Ferreira	674	—	674
Soc. Mogiana Exportadora Ltda.	20.463	3.491	23.954
Soc. Nacional Exportadora Ltda.	25.206	6.283	31.489
Soc. Eduardo Nioac Ltda.	20.582	885	21.467
Leon Israel Ag. & Export. S/A	84.047	13.309	97.356
S/A Rebelo Alves	3.350	125	3.475
S/A Francisco Boti	18.004	640	18.644
Silveira Freire & Cia.	250	—	250
Soc. Assunção Ltda.	5.200	625	5.825
Vidigal Prado	27.053	1.200	28.253
Cia. Comercial de Café	409	—	409
Cooperativa dos Cafeicultores Paulistas	836	854	1.690
Paiva & Cia.	1.000	—	1.000
Coop. Central Bananic Paulista	250	—	250
Gustav Veidel	46	5	51
I.R.F. Matarazzo	2	—	2
J.M. Hafers & Cia. Ltda.	3.348	375	3.723
J. Karnebley & Cia.	330	—	330
Raul Suplicy de Lacerda & Cia.	250	—	250
Thorton & Cia.	2	—	2
Vidal & Cia.	850	—	850
Volkart Irmãos & Cia.	1.653	—	1.653
Fed. Paulista das Coop. de Café	200	—	200
A. Prado & Cia.	—	1.406	1.406
Barros Silva & Cia.	—	125	125
Diversos	2.023	125	2.148
Departamento Nacional do Café	—	35	35
Total do Exterior	**1.638.599**	**261.664**	**1.900.263**
CABOTAGEM			
Barros Camargo & Cia.	527	148	675
José Soares & Cia.	226	—	226
Sampaio Bueno & Cia.	1.123	144	1.267
Cioffi Guerra & Cia.	800	—	800
Casa Exportadora Naumann Gepp Ltda.	1.000	—	1.000
G. C. Silveira & Cia. Ltda.	89	—	89
J.S. Marino	221	358	579
Departamento Nacional do Café	10.000	30	10.030
Superintendência dos Serviços do Café	2.300	400	2.700
Luiz Mecozzi	1	—	1
João de A. Correa	107	—	107
Soc. Nacional Exportadora	2	—	2
Ford Motor Company	—	50	50
Total da Cabotagem	**16.396**	**1.130**	**17.526**
Total geral	**1.654.995**	**262.794**	**1.917.789**

Café embarcado pelo porto de Santos

POR CIAS. DE NAVEGAÇÃO

SAFRA 1942/43

CIAS. DE NAVEGAÇÃO	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA
Dickinson & Cia.	301.253	27.589	328.842
Ibarra	1.710	—	1.710
Ivaran Line	38.491	—	38.491
Lóide Brasileiro	626.646	95.966	722.612
Mississippi Shipping Co.	5.267	—	5.267
Moore Mac Cormack Lines Ins.	439.244	—	439.244
Rederiaktiebolaget Nordstjernan	40.704	24.558	65.262
Soc. Paulista de Nav. Matarazzo	5.000	—	5.000
Wilhelmsen Steamships Line	38.111	—	38.111
Diversos	334	117	451
Soc. Import. e Exp. Maura Y Coll Ltda.	2	—	2
Sprague Steamship Line	106.308	95.498	201.806
East Coast Line	1.754	505	2.259
Wilson Sons & Cia.	32.228	—	32.228
Haven Line	1.547	17.431	18.978
Total do Exterior	**1.638.599**	**261.664**	**1.900.263**
CABOTAGEM			
Lóide Brasileiro	13.788	450	14.238
Dickinson & Cia.	215	—	215
Lóide Nacional	2	—	2
Cia. Nac. Navegação Costeira	1.891	536	2.427
Cia. Carbonífera Riograndense	500	—	500
S/A. Martineli	—	144	144
Total da Cabotagem	**16.396**	**1.130**	**17.526**
Total geral	**1.654.995**	**262.794**	**1.917.789**

Café embarcado pelo porto do Rio de Janeiro

POR PAISES DE DESTINO

Safra 1942/43

DESTINO	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1941/42
AMÉRICAS:				
Estados Unidos	497.032	76.368	573.400	641.197
Argentina	166.711	6.850	173.561	78.262
Chile	93.884	2.808	96.692	35.039
Paraguai	700	—	700	400
Uruguai	19.650	300	19.950	13.600
Total das Américas:	**777.977**	**86.326**	**864.303**	**768.498**
EUROPA:				
Islândia	9.750	—	9.750	6.475
Gibraltar	—	—	—	2.750
Espanha	52.514	50.000	102.514	40
Portugal	—	—	—	1.283
Inglaterra	—	—	—	9
Suiça	2.267	—	2.267	—
Total da Europa:	**64.531**	**50.000**	**114.531**	**10.557**
ÁSIA:				
Iraque	8.300	—	8.300	—
Total da Ásia:	**8.300**	**—**	**8.300**	**—**
ÁFRICA:				
Moçambique	500	—	500	750
Sudoeste Africano	200	—	200	1.325
União Sul Africana	35.423	14.335	49.758	68.108
Marrocos	1.333	—	1.333	1.832
Ilhas Canárias	—	—	—	3.333
Total da África:	**37.456**	**14.335**	**51.791**	**75.348**
Total do Exterior:	**888.264**	**150.661**	**1.038.925**	**854.403**

(Continua)

(Continuação)

DESTINO	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1941/42
CABOTAGEM:				
Amazonas	1.050	440	1.490	490
Maranhão	295	1.885	2.180	150
Pará	3.375	5.285	8.660	4.631
Piauí	30	545	575	460
Rio Grande do Sul	55.995	3.173	59.168	4.746
Santa Catarina	7.445	1.855	9.300	700
Baía	225	50	275	275
Ceará	235	1.860	2.095	770
Pernambuco	1.920	5	1.925	725
Rio Grande do Norte	110	—	110	190
Território do Acre	65	20	85	215
Paraíba	175	—	175	—
Sergipe	5	10	15	20
Alagoas	195	20	215	145
Mato Grosso	30	30	60	—
Total da cabotagem	71.150	15.178	86.328	13.517
Total geral	959.414	165.839	1.125.253	867.920

Café embarcado pelo porto do Rio de Janeiro

POR EXPORTADORES — Safra 1942/43

EXPORTADORES	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA
A. Jabour & Cia.	67.666	5.950	73.616
A. Sion & Cia.	2.922	—	2.922
Abreu & Filhos	25.776	2.125	27.901
American Coffee Corporation	65.739	6.000	71.739
A. Vilela & Cia.	4.893	—	4.893
Castro Silva & Cia.	66.163	6.075	72.238
Cia. Brasileira de Café	57.095	10.269	67.364
Cia. Nacional de Comércio de Café	33.313	8.550	41.863
Cia. Comercial de Café	13.521	650	14.171
Cafés Finos do Brasil Ltda.	1.825	900	2.725
Cruz Vermelha Brasileira	300	—	300
Departamento Nacional do Café	175	—	175
E. G. Fontes & Cia.	59.063	4.895	63.958
Felix Fonseca & Cia.	66.189	7.057	73.246
Fraga Irmãos & Cia.	8.000	—	8.000
Hard Rand & Cia.	3.750	50	3.800
Mac. Kinlay & Cia.	105.671	57.318	162.989
Marcelino Martins Filho & Cia.	40.133	8.634	48.767
Naumann Gepp & Cia. Ltda.	5.710	1.750	7.460
Norton Megaw & Cia. Ltda.	12.192	3.750	15.942
Ornstein & Cia.	68.156	6.750	74.906
Rotundo & Cia.	19.958	2.235	22.193
Soc. Exportadora de Café	10.730	5.000	15.730
Leon Israel Ag. & Exp. S/A	32.347	2.603	34.950
S/A Rebelo Alves	19.910	500	20.410
Soares Ladeira & Cia.	1.200	—	1.200
Salvaterra S/A	12.775	250	13.025
Soc. Brasil Holanda de Com. Ltda.	1.800	—	1.800
Vidal & Cia.	1.300	—	1.300
Vidigal Prado & Cia.	12.168	—	12.168
Vivacqua & Irmãos S/A	46.580	6.500	53.080
Casa Exportadora Naumann Gepp Ltda.	5.869	—	5.869
H. Sales & Cia. Ltda.	1.500	—	1.500
Vertes & Cia.	4.700	—	4.700
E. Johnston & Cia. Ltda.	1.950	—	1.950
Pinto Lopes & Cia. Ltda.	4.625	2.750	7.375
Mario Teles	2.600	—	2.600
Soc. Comercial Exp. & Imp. Ltda.	—	100	100
Total do Exterior :	**888.264**	**150.661**	**1.038.925**

(Continua)

(Continuação)

EXPORTADORES	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA
CABOTAGEM			
A. Jabour & Cia.	6.090	380	6.470
Antônio R. Passos Jr.	210	—	210
Cia. Nac. de Comércio de Café	6.178	50	6.228
Cia. Comercial de Café	3.690	1.780	5.470
Felix Fonseca & Cia.	16.305	1.805	18.110
João M. Esperidião	60	—	60
J. O. Aguiar	100	—	100
Mac. Kinlay & Cia.	11.356	6.748	18.104
Marcelino Martins Filho & Cia.	860	250	1.110
Ornstein & Cia.	4.450	1.985	6.435
Coelho Duarte & Cia.	35	—	35
Azevedo Victor & Cia.	200	—	200
Soc. Comercial Exportação e Importação	1.150	275	1.425
Adonizede M. Dantas	270	190	460
Castro Silva & Cia.	16.315	100	16.415
Inst. Fed. Est. Maranhão	30	—	30
Soares Ladeira & Cia.	200	—	200
Albano Issler	35	—	35
Cia. Brasileira de Café	1.525	—	1.525
E.G. Fontes & Cia.	100	100	200
J.P. Silveira Junior	10	—	10
Margarida Meyer	150	—	150
Silva Faria & Cia.	60	—	60
Aristeu P. Nascimento	25	—	25
Cia. Tec. Siqueira Jorge	10	—	10
H. Sales & Cia. Ltda.	25	—	25
S/A Magalhães	70	50	120
Vidigal Prado & Cia.	940	220	1.160
Costa Pacheco	15	—	15
Correa Ribeiro & Cia.	35	—	35
Cicero Aranha	30	—	30
Elias Gouveia	130	—	130
Ed. Simões & Cia.	55	—	55
Luiz R. O. Cavalcante	10	—	10
Manoel Afonso & Cia.	125	—	125
Manoel G. Sousa	70	—	70
A. Villela & Cia.	—	1.000	1.000
L. Figueiredo & Cia.	—	10	10
Raul Von Lasperg	—	25	25
Soares Bastos & Cia.	—	40	40
Diversos	231	170	401
Total da Cabotagem:	71.150	15.178	86.328
Total geral	959.414	165.839	1 125.253

Café embarcado pelo Porto de Paranaguá

POR PAISES DE DESTINO

Safra 1942/1943

DESTINO	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1941/42
AMÉRICAS:				
Estados Unidos	86.164	—	86.164	224.549
Argentina	4.832	1.627	6.459	8.933
Uruguai	200	—	200	—
Total das Américas :	91.196	1.627	92.823	233.482
ÁFRICA:				
União Sul-Africana	—	—	—	335
Total da África :	—	—	—	335
Total do Exterior	91.196	—	—	233.817
CABOTAGEM				
Rio Grande do Sul	2.827	981	3.808	13.076
Diversos	260	—	260	116
Total da Cabotagem :	3.087	981	4.068	13.192
Total geral	94.283	2.608	96.891	247.009

Café embarcado pelo Porto de Angra dos Reis

POR PAISES DE DESTINO

Safra 1942/1943

DESTINO	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1941/42
AMÉRICAS:				
Estados Unidos	39.108	42.226	81.334	161.898
Argentina	350	—	350	1.423
Total das Américas :	39.458	42.226	81.684	163.321
EUROPA:				
Suiça	2.000	—	2.000	1.750
Total da Europa :	2.000	—	2.000	1.750
Total do Exterior :	41.458	42.226	83.684	165.071
Total geral	41.458	42.226	83.684	165.071

Café embarcado pelo porto de Recife

POR PAISES DE DESTINO

Safra 1942/43

DESTINO	JULHO A DEZEMBRO	JANEIRO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1941/42
AMÉRICAS:				
Diversos	9.690	—	9.690	—
Estados Unidos	—	—	—	32.750
Curaçao	85	—	85	—
Total das Américas :	**9.775**	**—**	**9.775**	**32.750**
Diversos	—	9.696	9.696	—
Resumo Exterior :	**9.775**	**9.696**	**19.471**	**32.750**
CABOTAGEM:				
Amazonas	65	—	65	2.310
Ceará	765	1.500	2.265	6.255
Pará	480	140	620	4.685
Piauí	50	—	50	377
Rio Grande do Norte	425	205	630	1.385
Maranhão	190	225	415	3.803
Sergipe	—	—	—	20
Território do Acre	—	45	45	300
Baía	—	—	—	25
Rio Grande do Sul	—	—	—	50
Paraiba	—	30	30	—
Total da Cabotagem :	**1.975**	**2.145**	**4.120**	**19.210**
Total geral	**11.750**	**11.841**	**23.591**	**51.960**

Café embarcado em cabotagem

MÊS DE JANEIRO DE 1943

ESTADO DE DESTINO	PORTOS DE EMBARQUE							TOTAL
	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	RECIFE	PARANAGUÁ	ANGRA DOS REIS	
Alagoas	—	20	—	—	—	—	—	20
Amazonas	—	440	—	—	—	—	—	440
Baía	—	50	—	—	—	—	—	50
Ceará	—	1.860	—	—	1.500	—	—	3.360
Maranhão	—	1.885	—	—	225	—	—	2.110
Pará	450	5.285	—	—	140	—	—	5.875
Paraiba	—	—	—	—	30	—	—	30
Pernambuco	—	5	—	—	—	—	—	5
Piauí	—	545	—	—	—	—	—	545
Rio Grande do Norte	—	—	—	—	205	—	—	205
Rio Grande do Sul	680	3.173	—	—	—	981	—	4.834
Santa Catarina	—	1.855	—	—	—	—	—	1.855
Território do Acre	—	20	—	—	45	—	—	65
Mato Grosso	—	30	—	—	—	—	—	30
Sergipe	—	10	—	—	—	—	—	10
Total	1.130	15.178	—	—	2.145	981	—	19.434
De Julho à Dezembro	16.396	71.150	42.965	—	1.975	3.087	—	135.573
Total geral	17.526	86.328	42.965	—	[4.120]	4.068	—	155.007

Suprimento visivel mundial de Café

ANO DE 1943	EXISTÊNCIA NOS PRINCIPAIS PORTOS DO BRASIL							SUPRIMENTO VISIVEL NO BRASIL
	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	
Janeiro	1.584.738	275.418	(1) —	40.722	75.404	6.745	36.053	2.019.080

Suprimento visivel nos Estados Unidos

ANO DE 1943	EXISTÊNCIA			EM VIAGEM			SUPRIMENTO VISIVEL NOS ESTADOS UNIDOS
	CAFÉ DO BRASIL	DE OUTRAS PROCEDÊNCIAS	TOTAL	CAFÉ DO BRASIL	DE OUTRAS PROCEDÊNCIAS	TOTAL	
Janeiro	108.000	187.458	295.458	495.000	—	495.000	790.458

RESUMO

ANO DE 1943	BRASIL	ESTADOS UNIDOS	EUROPA	TOTAL
Janeiro	2.019.080	790.458	(2) —	2.809.538

(1) — Faltam dados. (2) — Faltam dados.

Cotações do Disponivel

JANEIRO DE 1943

DIAS	RIO	VITÓRIA	VENDAS		NOVA YORK Em cents. por libra (453,6 grs.)			
	EM CRUZEIROS				SANTOS		RIO	
	TIPO 7	TIPO 7	SANTOS	RIO	TIPO 4	TIPO 7	TIPO 6	TIPO 7
1	—	—	—	—	—	—	—	—
2	—	23,90	6.094	—	—	—	—	—
3	—	—	—	—	—	—	—	—
4	26,40	23,90	16.804	890	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
5	26,40	23,90	15.232	809	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
6	—	—	—	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
7	26,40	23,90	10.341	355	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
8	26,40	23,90	16.998	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
9	26,40	23,90	6.345	—	—	—	—	—
10	—	—	—	—	—	—	—	—
11	26,40	23,90	20.978	770	13.37,5	12,62,5	9.50	9.37,5
12	26,40	23,90	10.154	3.137	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
13	26,80	24,40	13.844	1.076	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
14	26,80	24,40	11.072	782	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
15	26,80	24,40	10.479	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
16	26,80	24,60	1.739	—	—	—	—	—
17	—	—	—	—	—	—	—	—
18	26,80	24,70	13.840	1.097	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
19	26,80	24,90	16.149	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
20	—	24,90	8.147	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
21	26,80	24,90	8.741	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
22	26,80	25,40	5.378	1.298	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
23	26,80	25,40	1.954	—	—	—	—	—
24	—	—	—	—	—	—	—	—
25	26,80	25,40	—	1.042	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
26	26,80	25,40	8.616	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
27	26,80	25,40	5.551	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
28	26,80	25,40	3.630	400	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
29	26,80	25,40	8.677	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
30	26,60	25,40	4.554	—	—	—	—	—
31	—	—	—	—	—	—	—	—
Média	**26,66**	**24,65**	**225.317**	**21.656**	**13.37,5**	**12.62,5**	**9.50**	**9.37,5**

NOTA : — Santos — Cotação nominal
,, — Associação Comercial
Rio — Centro do Comércio de Café
Vitória — Panameuro.

Cotações do disponivel em Nova York

CIF. em Cents por Libra = 453,6 grs.

MÊS DE DE JANEIRO 1943

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	8	15	22	29	MÉDIA
BRASIL:					
Santos, tipo 4	13.37,5	13.37,5	13.37,5	13.37,5	13.37,5
Rio, tipo 7	9.37,5	9.37,5	9.37,5	9.37,5	9.37,5
COLÔMBIA:					
Medelin	16 1/4	16 1/4	16 1/4	16 1/4	16 1/4
Armênia		16 1/16	16 1/16	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8	15 7/8	15 7/8	15 7/8
Girardot	—	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Cucuta	—	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Bogotá (Honda, Tolima e Girardot)	—	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Ocana	—	15 1/4	15 1/4	15 1/4	15 1/4
COSTA RICA:					
Prima	17.25	16.00	16.00	16.00	16.31
Fino Atlantic	—	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
CUBA:					
Bom Lavado	—	14 1/4	14 1/4	14 1/4	14 1/4
Bom Lav. — S. Domingos	13 1/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 5/8
Natural "Sweet"	—	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Surinam	—	7 3/4	7 3/4	7 3/4	7 3/4
Trinidad	—	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
EQUADOR:					
Lavado	—	13 1/4	13 1/4	13 1/4	13 1/4
SALVADOR:					
Lavado, fino	15 1/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 5/8
GUATEMALA:					
Antigua	—	16 3/4	16 3/4	16 3/4	16 3/4
	—	14 1/8	14 1/8	14 1/8	14 1/8
Lavado, bom	—	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Extra prime	—	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	—	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
HAITÍ:					
Lavado	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4
HAWAÍ:					
N.º 1 Extra-prime	—	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2
MÉXICO:					
Coatepec, lavado	—	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2
Coatepec, Maragogipe	—	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
Tapachula, lavado	—	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2

(Continua)

(Continuação)

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	8	15	22	29	MÉDIA
NICARÁGUA :					
Lavado	—	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
VENEZUELA : Caracas "good"					
Tachira, lavado	14.3/4	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 3/8
Tachira, Bom	—	15 1/8	15 1/8	15 1/8	15 1/8
Ordinário	—	14 5/8	14 5/8	14 5/8	14 5/8
Trujilo	11.00				
Maracaibo — Lav. Fino	—	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
ÍNDIAS HOLANDESAS :					
Mandheling	—	25.00	25.00	25.00	25.00
Java, genuino	19.1/4	19 1/2	19 1/2	19 1/2	19.7/16
Robusta, lavado	10.50	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11.06
Robusta, natural	—	10 1/2	10 1/2	10 1/2	10 1/2
ABISSÍNIA :					
Long Berry Harar	15.75	17.00	17.00	17.00	17.00
MOKA :					
Natural	—	18 1/2	18 1/2	18 1/2	18 1/2
ÁFRICA PORTUGUESA :					
Amboin	—	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Encoje	—	11.00	11.00	11.00	11.00
CONGO BELGA					
Lavado Robusta	—	12 1/2	12 1/2	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	—	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
HONDURAS :					
Bom Lavado	—	15.00	15.00	15.00	15.00
JAMAICA : Lavado	—	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Natural A	—	11 1/2	11 1/2	11 1/2	11 1/2

Cotações do Termo em Nova-York

CENTS. POR LIBRA (453,6 GRS.) CONTRATO SANTOS

Mês de Janeiro de 1943

DIAS	FECHAMENTO DO TERMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1	—	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—
3	—	—	—	—	—	—
4	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
5	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
6	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
7	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
8	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
9	—	—	—	—	—	—
10	—	—	—	—	—	—
11	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
12	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
13	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
14	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
15	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
16	—	—	—	—	—	—
17	—	—	—	—	—	—
18	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
19	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
20	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
21	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
22	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
23	—	—	—	—	—	—
24	—	—	—	—	—	—
25	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
26	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
27	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
28	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
29	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—
30	—	—	—	—	—	—
31	—	—	—	—	—	—
Média ...	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—

CÂMBIO Mercado Livre - Curso Oficial (Bolsa Oficial de Valores de S. Paulo)

Janeiro de 1943

(EM CRUZEIROS)

PAISES	MOEDAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
		Cr.$																
Londres	Libra	—	79,58 9/16	—	—	79,58 9/16	—	79,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	—	79,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,55 9/16	79,58 9/16	79,37 7/8	—
Nova York	Dolar	—	19,63 13/16	—	19,66 11/16	19,63 1/2	—	19,63 5/16	19,62 11/16	19,62 11/16	—	19,64	19,63 1/8	19,62 3/4	19,63 3/8	19,62 5/8	19,63 3/4	—
Buenos Aires	Peso	—	4,60 15/16	—	—	4,64 5/8	—	4,63 7/16	4,68	4,63	—	—	—	4,66	4,69 15/16	4,65	4,71 1/16	—
Canadá	Dolar	—	—	—	—	—	—	—	17,30	—	—	—	—	17,30	—	—	18,00	—
Chile	Peso	—	—	—	—	0,63 3/8	—	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	—	—	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	—
Montevidéu	Peso	—	—	—	—	10,45	—	10,44 3/16	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Portugal	Escudo	—	0,80 1/2	—	—	0,80	—	0,80	—	0,80	—	0,80 1/2	0,80 7/16	0,80 1/2	0,80 1/4	0,80	0,80	—
Suécia	Coroa	—	—	—	—	—	—	4,72	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Suiça	Franco	—	—	—	—	4,61	—	4,61	4,61	4,61	—	4,61	4,61	4,65	—	4,65	4,65	—

PAISES	MOEDAS	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	MÉDIA
		Cr.$														
Londres	Libra	79,66 11/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,57 1/2	79,38 3/16	79,58 9/16	—	—	79,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,58 9/16	79,52 3/8	—	79,56 5/8
Nova York	Dolar	19,63 1/16	19,63 5/16	19,63 1/16	19,63 5/16	19,62 5/8	19,62 1/8	—	—	19,63 1/16	19,63 11/16	19,63 5/16	19,63 1/2	19,62 3/4	—	19,63 5/16
Buenos Aires	Peso	4,66 15/16	—	4,70	4,64	4,64	4,63 13/16	—	—	—	—	4,64	4,63 3/4	4,64 1/2	—	4,65 1/2
Canadá	Dolar	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	17,53 3/8
Chile	Peso	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	—	—	—	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	0,63 3/8	—	0,63 3/8
Montevidéu	Peso	—	10,50	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	10,46 7/16
París	Franco	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0,43	—	—	—	0,43
Portugal	Escudo	0,80	0,80 3/16	0,80 1/8	0,80 5/16	0,80 3/16	0,80 1/8	—	—	0,80	0,80	0,80 1/2	0,80 1/4	0,80 1/16	—	0,80 3/16
Suécia	Coroa	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4,72
Suiça	Franco	—	—	4,65	—	4,65	4,75	—	—	4,65	4,65	4,65	—	—	—	4,63 7/16

CÂMBIO Mercado Espécie - Curso Oficial - Bolsa Oficial de Valores de S. Paulo — Mês de Janeiro de 1942

(EM CRUZEIROS)

PAISES	MOEDAS	5	7	8	11	12	13	14	15	16	18
		Cr.$									
Londres	Libra	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2	—
Nova York	Dolar	16,50	16,50	16,50	16,50	16,40	—	16,50	16,40	16,50	16,50

PAISES	MOEDAS	19	20	21	22	23	27	28	29	30	MÉDIA
		Cr.$									
Londres	Libra	66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2		66,49 1/2			66,49 1/2	66,49 1/2	66,49 1/2
Nova York	Dolar	16,50	16,50	16,50	16,50	16,50	16,50	16,50	—	16,58	16,49

Cotações do Termo em Nova York

Cents. por Libra (453,6 grs.) — Novo contrato "A Rio" — Janeiro de 1943

DIAS	FECHAMENTO DO TERMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1	—	—	—	—	—	—
2	—	—	—	—	—	—
3	—	—	—	—	—	—
4	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
5	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
6	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
7	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
8	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
9	—	—	—	—	—	—
10	—	—	—	—	—	—
11	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
12	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
13	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
14	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
15	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
16	—	—	—	—	—	—
17	—	—	—	—	—	—
18	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
19	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
20	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
21	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
22	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
23	—	—	—	—	—	—
24	—	—	—	—	—	—
25	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
26	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
27	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
28	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
29	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—
30	—	—	—	—	—	—
31	—	—	—	—	—	—
Média ..	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—

Exportação de Café do Salvador

SACAS DE 60 QUILOS

Safra 1941/42

MESES	ACAJUTLA	LA LIBERTAD	CUTUCO	PUERTO BARRIOS	TOTAL
Novembro de 1941	—	—	3.424	3	3.427
Dezembro „ „	42.953	1.150	3.680	23.632	71.415
Janeiro „ 1942	23.944	4.913	16.029	52.980	97.866
Fevereiro „ „	27.485	7.073	32.229	36.150	102.937
Março „ „	79.413	4.704	29.044	56.985	170.146
Abril „ „	928	47.478	48.916	59.180	156.502
Maio „ „	1.150	11.750	7.794	32.477	53.171
Junho „ „	7.792	4.969	9.643	5.083	27.487
Julho „ „	80.793	10.441	13.030	1.434	105.698
Agosto „ „	—	5.406	20.743	575	26.724
Setembro „ „	—	—	15.593	1.134	16.727
Outubro de „	28.985	18.470	9.444	6.210	63.109
Total de 1.º de Novembro de 1941 a 31 de Outubro de 1942	**293.443**	**116.354**	**209.569**	**275.843**	**895.209**
Mesmo período safra 1940/1941	**260.334**	**97.050**	**218.797**	**87.180**	**663.361**

Dados da Revista "El Café de El Salvador"

DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DO COMÉRCIO E CONSUMO DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

BOLETIM

DO MÊS DE JANEIRO DE 1943

ESTABELECIMENTOS VISITADOS

NA CAPITAL	VISITAS
Torrefações	1.656
Moinhos	965
Empórios	138
Depósitos	—
Feiras	10
TOTAL:	2.769

NO INTERIOR E LITORAL	VISITAS
Torrefações	728
Moinhos	612
Empórios	1.590
Depósitos	—
TOTAL:	2.930

Cafés verificados nos postos de fiscalização	SACAS
Nas Cias. de Armazens Gerais	53.068
Nos Armazens de E. F. (Capital)	15.064
TOTAL:	68.132

Café cru apreendido	SACAS
Em Torrefações, Moinhos e Depósitos — Na Capital	—
Idem — No interior e Litoral	3
Em Armazens de E. F. (Capital)	104
Em Cias. de Armazens Gerais	160
TOTAL:	267

Café torrado em grão apreendido	QUILOS
Na Capital	1.105,0
No Interior e litoral	—
TOTAL:	1.105,0

Café moido apreendido	QUILOS
Na Capital	728,75
No Interior e litoral	19,13
TOTAL:	747,88

Cafés liberados	SACAS
Melhorados por rebenef. ou catação	74
Dec. Lei – 51	97
Quota DNC	27
TOTAL:	198

Café torrado despachado por torrefações sob fiscalização especial	QUILOS
Do interior para a Capital	13.140
Da Capital para o Interior	12.000
Entre diversas comarcas no Interior	13.880
TOTAL:	39.020

Café moido, idem	QUILOS
Do Interior para a Capital	126
Da Capital para o Interior	2.820
Entre diversas comarcas no Interior	29.196
TOTAL:	32.142

Café crú incinerado	SACAS
Na Capital	54
No Interior e litoral	—
TOTAL:	54

Café torrado em grão incinerado	QUILOS
Na Capital	908,8
No Interior e litoral	—
TOTAL:	908,8

Café moido incinerado	QUILOS
Na Capital	403,15
No Interior e litoral	15,55
TOTAL:	418,70

Resíduos de catação ou rebenef. incinerados			
Scs.	34	Quilos	2.013,0

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO:

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

SÉDE:
LARGO DA MISERICÓRDIA, 24
SÃO PAULO

•

TELEFONES:

Diretoria	2-6659
Dep. Contabilidade	2-4449
Dep. Estatística	2-8357
Dep. Transportes	2-1976
Dep. Fisc. Comércio e Consumo	2-0856
Seção Almoxarifado	2-4369
Seção Conserva de Imóveis	2-1127
Seção Protocolo	2-2767
Seção Juridica	3-5511
Engenheiro	3-5511
Depósito (Almox. externo) ..	2-2672

Agência de Santos:

Palácio da Bolsa - Rua 15 de Novembro, 123 - 2.º - sl. 7

Telefone : 6675

Agência do Rio de Janeiro:

Edificio da "A Noite" - Praça Mauá, 7

Telefone : 23-0877

Imp. na Indústria Gráfica SIQUEIRA — *Rua Augusta, 235 — São Paulo.*

CAFÉ
SANTOS